



# 3º Prêmio Jundiaí de **Literatura**



PREFEITURA DE  
**Jundiaí**

  
cultura  
da Gente

  
biblioteca  
NELSON FOOT  
Jundiaí-SP

## Ficha Técnica

Todos os direitos estão reservados para a  
Biblioteca Pública Municipal "Prof. Nelston Foot"  
Proibida a reprodução total ou parcial desta obra.

Editores responsáveis: **SMC/ Biblioteca Pública Municipal**

**Organização:** Equipe BNF

**Fotos:** Acervo da Biblioteca

**Os textos aqui publicados mantêm o formato original.  
Não expressam o ponto de vista da Prefeitura do Município de  
Jundiaí, da Secretaria Municipal de Cultura ou mesmo  
da Biblioteca Pública Municipal "Prof. Nelston Foot".**

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

P925 Prêmio Jundiaí de Literatura, 3º, 2025 / Organização: Equipe  
BNF. — São Paulo, Mew Marketing, 2026.

91p.: il. ; col.  
26.800KB ; PDF

ISBN 978-65-975637-0-8

1. Literatura brasileira – Jundiaí (SP).  
I. Biblioteca Pública Municipal Prof. Nelson Foot  
(Jundiaí, SP).

CDD 20.ed.-869.93

Priscila Nozaki CRB-8/8437



# SUMÁRIO

<b>Apresentação.....</b>	<b>5</b>
<b>Corpo de Jurados.....</b>	<b>6</b>
<b>Biblioteca Pública.....</b>	<b>14</b>

## CATEGORIA TALENTO MIRIM

Carta para o planeta que sonho / <i>Isabella de Souza do Nascimento</i> .....	19
Carta de esperança por um mundo melhor/ <i>Kiara Di Gioia Menoncin</i> .....	21
Carta para os terráqueos / <i>Nina Reirasi Miranda Silva</i> .....	23
Um mundo melhor / <i>Giovanna Fontes da Silva</i> .....	25
Pedido de socorro para existir um futuro/ <i>Mateus Vinicius de Lima Brandão</i> .....	27

## CATEGORIA JOVEM TALENTO

Os três Santos morros / <i>Adrielly de Lima Brandão</i> .....	30
Minha cidade / <i>Catarina Beteli Queiroz</i> .....	32
Texto de uma Preta que foi escravizada em Jundiá, no século XVIII/ <i>Eloá Silva de Oliveira</i> .....	36
Entre garoa e asfalto/ <i>Eduarda Salvatico Salvi</i> .....	40
Pretérito imperfeito do saber / <i>Kalel Rodrigues de Souza</i> .....	41

## CATEGORIA ADULTO

A linha dourada que segura o tempo / <i>Iane Maria dos Santos Vasconcelos</i> .....	44
A raposa de gesso / <i>Felipe Domingues Silva de Andrade</i> .....	50
Mar de dentro / <i>Edison Luiz Leal Junior</i> .....	56
O cheiro do grafite / <i>Clarisse Fukelman</i> .....	61
O ninho ancestral de taipa / <i>Marcelo Santos da Silva</i> .....	66

## CATEGORIA PRATA DA CASA

Onde o trem começa / <i>Mariana De Marchi Oliveira</i> .....	75
Onde dormem as palavras / <i>Renata Corte</i> .....	78
Quinta-feira / <i>Catendê Sarti</i> .....	82
Língua materna / <i>André de Freitas Barbosa</i> .....	86
Vá ver o cajueiro / <i>Giovanna Cunha Cardoso</i> .....	89



words into doing words into doing words into doing

## APRESENTAÇÃO

### Clarina Fasanaro

SECRETÁRIA DE CULTURA

---

O 3º Prêmio de Literatura de Jundiaí reafirma nosso compromisso com a arte como linguagem que aproxima, desperta e transforma. A cada edição, celebramos pessoas de todas as idades que encontram na escrita uma maneira única de olhar o mundo, seja pela curiosidade de quem descobre, pela intensidade de quem se afirma ou pela maturidade de quem revisita suas memórias.

Acreditamos que, quando alguém decide escrever, dá um passo em direção ao entendimento mais profundo de si e do outro. As palavras nos convidam a sentir o tempo, a escutar a cidade, a reconhecer o impacto dos lugares que habitamos e a refletir sobre as conexões que tecemos com nosso entorno. A escrita também nos permite visitar histórias, resgatar lembranças, imaginar futuros e reencontrar nossas raízes.

Por isso, incentivamos a criatividade que nasce cedo, o olhar crítico que desponta na juventude, a sensibilidade que amadurece com a experiência e o vínculo afetivo de quem carrega a cidade dentro de si. Cada texto é uma semente de reflexão, um gesto de coragem e um convite para enxergar a vida com mais cuidado e profundidade.

A leitura e a escrita são caminhos de liberdade e pertencimento. São ferramentas que ampliam horizontes, fortalecem a expressão e fazem da arte um companheiro constante em nossas trajetórias. Que este livro inspire mais pessoas a lerem com curiosidade, a escreverem com sensibilidade e a descobrirem o poder que existe em transformar vivências em literatura.

A todos os participantes, organizadores e apoiadores, expresso meu agradecimento por manterem viva esta iniciativa que valoriza a criação e celebra a força da palavra. Que esta edição continue a fortalecer nossa relação com a arte e com tudo aquilo que nos faz crescer como indivíduos e como comunidade.

# CORPO DE JURADOS

---

*Conheça os profissionais que integraram a comissão julgadora  
desta edição*



**Cris Judar**  
ESCRITORA E CRÍTICA

---

## **Literatura: ponte para a inclusão e para o entendimento das realidades que nos cercam.**

Há escritas que comovem, que movem, deslocam, desencaixam e subvertem, elas revolucionam a realidade; ou, melhor dizendo, as realidades. Que fazem uma mesma “velha” língua surgir nova a cada parágrafo, vírgula, frase, sentença, capítulo, página virada. Há escritas que apresentam, de infinitas formas, jamais iguais, um mesmo cenário, uma mesma cidade, um momento histórico particular. Afinal, a literatura é o dom de relatar mundos, situações, estados do ser, sensações, experiências e tudo o mais que quisermos a partir de um único olhar, na constituição de uma biblioteca interior que não para de crescer, um aglomerado de narrativas situado no nosso corpo, no nosso imaginário. Daquela natureza de riquezas que ninguém pode roubar da gente e que, justamente por isso, é tão valiosa.

Neste segundo ano como integrante do júri do Prêmio Jundiáí de Literatura, tive a oportunidade de, ao ler as cartas inscritas, conhecer quais são os sonhos das crianças para o nosso futuro, na torcida para que os tempos que virão tragam muito daquilo que elas tão bem projetaram como ideal de justiça, de harmonia e de equilíbrio para o país, para a humanidade e para o nosso planeta.

Já entre os escritos das pessoas mais jovens, foi bonito poder contemplar a intensidade de suas vontades e verdades sobre a relação entre a sua própria existência e o lugar que ocupam no mundo, condição expressa em poemas que vão direto ao coração: flechas compostas por palavras e por sentimentos urgentes, tão típicos dessa importantíssima fase de nossas vidas e que já delimita grandes talentos.

Por parte das vozes literárias adultas, tanto na categoria Conto quanto Crônica, apreciar a maneira com que foram construídos os mais diversos retratos sobre a cidade de Jundiáí - em matizes de cores e tons de grande diversidade, com diferentes enfoques - me possibilitou mergulhos, entendimentos e vários atravessamentos.

Não apenas no que diz respeito à essência de um povo, de uma cultura, da história de uma localidade que detém suas próprias raízes, aspirações e promessas, mas de uma

trajetória cultural que se encontra em curso. E que tem no Prêmio Jundiaí de Literatura um de seus mais importantes instrumentos e bases.

O Prêmio Jundiaí de Literatura 2025 se consolida não apenas como uma estratégia local, uma ponte cultural regional que possibilita a “passagem para um novo mundo” a uma infinidade de pessoas de todas as idades, classes sociais, gêneros, origens e localidades. Ele hoje se apresenta como uma iniciativa, entre outras do país, que possibilitam o acesso ao muitas vezes “inalcançável” mundo das artes literárias a quem quiser e puder se dedicar ao ofício da escrita ficcional e não-ficcional, mostrando que o caminho para o reconhecimento, para a projeção e para a sonhada publicação não necessariamente precisa ser nebuloso, praticamente indecifrável ou para poucos privilegiados.

Deixo aqui meus parabéns a todas as pessoas envolvidas na concepção e organização do prêmio, sobretudo pela bravura em levar adiante essa potente ação cultural / literária em nosso Estado. Assim como a quem acreditou e inscreveu seus próprios textos. Nunca deixem de escrever, nem de regar as sementes.

A todas as pessoas ganhadoras e publicadas neste volume, desejo que alcancem caminhos abertos e muitos leitores. De minha parte, agradeço por mais essa oportunidade única de conhecer uma parcela significativa da produção literária brasileira contemporânea. Saio dessa experiência com minha janela de entendimento da realidade ainda mais aberta, com muita vontade de criar e de colaborar para que a inclusão via leitura e escrita, em diferentes suportes, plataformas, contextos e níveis, seja uma realidade de norte a sul do país.

Cris Judar

Doutoranda em Literatura pela Universidade de São Paulo (USP)

Finalista Prêmio Jabuti

Prêmio São Paulo de Literatura



**Daniel Manzoni**

POETA E EDITOR

---

## As palavras, o júri e a existência

Eu sempre digo que eu sou um ser humano constituído por palavras. Foram as palavras que me acolheram desde a infância e me ajudaram a me constituir. Cada texto que eu leio me nutre de universos que às vezes não estão aparentes na realidade, mas que chegam até mim pela literatura. Nesse sentido, fica claro a famosa frase do escritor francês Marcel Proust quando reflete sobre o que é escrever: *“a verdadeira vida, a vida enfim descoberta e tornada clara, a única vida, por conseguinte, realmente vivida é a literatura”*: é por meio dela que nos conectamos com experiências, emoções e mundos distintos, que refletimos sobre a sociedade e, sobretudo, que vivemos intensamente a multiplicidade do humano. Então, ler a literatura de várias vozes de uma cidade como Jundiáí, vozes que querem me dizer suas experiências de existências, transforma a minha existência. Cada palavra que li desses escritos me constituíram como moléculas, átomos, partículas para minha alma. Eu não sei dessa experiência como entrei.

Participar como júri do Prêmio de Literatura de Jundiáí foi uma experiência enriquecedora e inspiradora, que me proporcionou a oportunidade de mergulhar na diversidade de vozes, estilos e narrativas que compõem o universo literário voltado para crianças, adolescentes e das pessoas de Jundiáí. Desde o primeiro contato com os escritos das pessoas inscritas até a escolha final, percebi o quanto iniciativas como esta são fundamentais para o fortalecimento da literatura, da leitura e da escrita em nossa sociedade.

O prêmio não é apenas uma celebração da criatividade das pessoas autoras, mas também um incentivo à produção literária de qualidade, que valoriza a imaginação, a sensibilidade e o desenvolvimento cultural da população de uma cidade. Ao analisar minuciosamente os escritos, pude perceber a pluralidade de temas abordados, desde histórias lúdicas que estimulam a fantasia até narrativas que abordam questões sociais, diversidade e cidadania. Esse encontro com tan-

tas histórias diferentes reforça a importância de cultivar a leitura, a escrita, a imaginação de uma cidade, mostrando que literatura pode ser instrumento poderoso de formação e reflexão de uma sociedade.

Além disso, participar do processo do júri me permitiu observar um universo literário que surge. Hoje, as pessoas autoras não se limitam a temas convencionais; há uma abertura para explorar diversidade cultural, inclusão, sustentabilidade e valores éticos de maneira criativa. Isso demonstra como o prêmio contribui para a expansão do repertório literário disponível, incentivando as pessoas autoras a ousarem em suas propostas e leitores a ampliarem seus horizontes.

Outro ponto fundamental que percebi é o impacto social da escrita literária. A escrita literária promove o desenvolvimento da linguagem, da imaginação e do pensamento, mas também contribui para a construção de valores como solidariedade, respeito e tolerância. Um prêmio literário, ao reconhecer obras de destaque, reforça a importância da literatura como ferramenta de educação, cultura e transformação social.

Durante o processo de avaliação, também ficou evidente o quanto a literatura pode ser um instrumento de aproximação entre gerações. Muitos escritos exploraram temas universais, capazes de dialogar tanto com pessoas crianças quanto com adultos, criando pontes de compreensão e afetividade entre diferentes faixas etárias.

A experiência como júri também me levou a refletir sobre o papel dos concursos literários na valorização do trabalho autoral. Prêmios como o de Jundiaí reconhecem o esforço e a dedicação de pessoas escritoras, ilustradores e editores, incentivando a continuar produzindo e inovando. Além disso, essas iniciativas ajudam a dar visibilidade a escritos e vozes que poderiam permanecer desconhecidas, ampliando o acesso à literatura de qualidade e fortalecendo o mercado editorial local e nacional.

Outro aspecto relevante é a relação entre o prêmio e o estímulo à leitura. Ao premiar escritos e obras de destaque, o prêmio desperta o interesse de escolas, bibliotecas e famílias, promovendo a difusão de livros que podem se tornar referências no cotidiano de pessoas leitoras de diferentes faixas etárias. Essa circulação dos escritos selecionados contribui para que a leitura se torne um hábito prazeroso e constante, fortalecendo a formação de pessoas leitoras críticas e apaixonadas.

Além de seu impacto direto sobre quem escreve e lê, o prêmio de literatura tem um efeito simbólico sobre a sociedade como um todo. Ele reforça a ideia de que investir em cultura, leitura e educação é essencial para o desenvolvimento de comunidades mais criativas inclusivas e engajadas. A literatura não é apenas entre-

tenimento; é um instrumento de cidadania, capaz de despertar reflexões, promover diálogos e construir identidades. O prêmio é muito mais do que uma competição: é um estímulo à criatividade, à leitura crítica e à construção de uma sociedade mais consciente e culturalmente rica.

Ter atuado como júri me proporcionou a oportunidade de valorizar e celebrar a literatura em língua portuguesa, reconhecendo seu poder transformador. A experiência reforçou meu apreço pela escrita criativa, pelo incentivo à leitura e pelo papel social dos escritos literários na formação de uma sociedade. O Prêmio de Literatura de Jundiáí é, sem dúvida, uma iniciativa que contribui de maneira significativa para a cultura, a educação e o desenvolvimento humano, lembrando a todos nós que cada história tem o potencial de transformar vidas.

A minha vida foi de alguma maneira transformada por essa experiência. Muito obrigado por cada palavra, cada escrito que tive oportunidade de ler para esse júri.

Daniel Manzoni de Almeida

Professeur Junior, Université Bretagne Occidentale



## **Gisele Moreira**

PROFESSORA E PESQUISADORA

---

### **Palavra de júri. Palavra de leitora**

Ser jurada de um concurso literário é, antes de tudo, me afirmar como leitora. Quando recebi o convite para compor o júri do Prêmio Jundiáí de Literatura 2025, entendi que não era apenas sobre analisar textos, era sobre acolher vozes. Vozes que, muitas vezes, escrevem no intervalo do trabalho, no silêncio depois que as crianças dormem, no ônibus, no caderno improvisado; vozes que escrevem porque não suportam não escrever, vozes como a minha.

Ler os textos inscritos foi como caminhar por várias gerações. Me lembrei da minha infância, adolescência e dos caminhos da vida adulta. Também tive a oportunidade de passear por várias *Jundiáís*: a que conhecemos das ruas, a que vive na memória de cada autor e a que só existe na imaginação de quem ousa criar. Senti o poder da literatura como leitora e sou grata por esta oportunidade.

Enquanto lia os textos, eu estava imersa em um processo de escrita de um livro. Dividida entre leitora e escritora, ri com alguns textos e chorei com outros. Fui atravessada por personagens, memórias, dores e alegrias que não eram minhas, mas que me tocaram profundamente. Perceber essa força criativa tão diversa me ajudou no meu processo criativo. Foi como se, ao ler, eu me lembrasse de que a escrita é sempre um diálogo, mesmo quando parece solitária. Aquelas pessoas, sem saber, me empurraram de volta para o meu próprio caminho narrativo.

E talvez seja por isso que, embora eu seja doutora em Letras, nunca foi o título que escreveu por mim. O que pulsa na minha escrita são outros lugares: ser mãe de duas meninas curiosas, ser uma mulher que sonha demais, sentir o mundo com uma intensidade que às vezes dói. Escrevo a partir das minhas frestas, das minhas fragilidades e das minhas perguntas.

Escrevo do que me falta e do que me salva. Talvez por isso tenha sido tão forte me emocionar com textos alheios, porque ali, naquele gesto de entrega e coragem, reconheci também minhas próprias vulnerabilidades.

Concursos literários importam não porque elegem “o melhor”, mas porque criam oportunidades. Oportunidade de quem escreve acreditar mais um pouco no próprio texto. Oportunidade de circulação, de pertencimento, de construir comunidade, porque lembram que toda cidade precisa das histórias que nascem dentro dela. Quando um autor local publica, algo no território se fortalece: a autoestima cultural, a sensação de que é possível, a chama que acende outros escritores.

Enquanto jurada, busquei ler com rigor e com cuidado. Rigor para respeitar a literatura como ofício. Cuidado para respeitar cada voz como singular, como gesto íntimo. Participar do júri foi entender que a literatura nunca acontece sozinha. Ela é tecida por muitas mãos: a de quem escreve, a de quem lê, a de quem organiza e a de quem acredita. Fazer parte desse processo, justamente num momento em que eu mesma buscava fôlego para continuar escrevendo, foi um privilégio e uma espécie de renascimento criativo.

Que venham novos concursos, novos autores e novas vozes. E que Jundiaí continue abrindo espaço para aquilo que a literatura tem de mais bonito: a capacidade de fazer existir o que antes só era silêncio.

Gisele Moreira

Doutora em Letras e escritora

## BIBLIOTECA PÚBLICA: Espaço Inclusivo

---

Nossa missão é transformar a Biblioteca em um ponto de encontro cultural e intelectual para a comunidade, um local onde todos são bem-vindos e incentivados a participar e realizar atividades enriquecedoras.

### NOSSOS ESPAÇOS



Area de acervo e estudo



Espaço Sônia Cintra e Galeria Jundiá



Galeria Jundiaí



Espaço para bebês



Espaço para bebês



Glbiteca



Arena de Contação de Histórias

## **NOSSOS PROJETOS**

Entre os projetos desenvolvidos na Biblioteca Nelson Foot, destacamos a FLIJ – Festa Literária de Jundiáí – que, em 2025, chegou à sua 6ª edição, consolidada como uma política pública construída coletivamente, fruto da mobilização da Câmara Setorial de Literatura e de uma rede que acredita no poder transformador do livro.

Desde sua criação, a FLIJ fortalece a cadeia produtiva literária, reunindo editores, escritores, livreiros, mediadores, professores, bibliotecários e o público leitor. Amplia o acesso às produções contemporâneas, com especial atenção às vozes e narrativas dos autores e autoras locais.

Ao longo de suas seis edições, a festa tornou-se um espaço de encontro e reconhecimento: celebra a leitura como um direito cultural, estimula a formação de novos leitores e reafirma a literatura como ferramenta de identidade, cuidado coletivo e construção de futuros.

# TALENTO MIRIM

**Gênero:** Carta

**Tema:** Consciência ambiental e social

*Criando conexões com o futuro: que planeta eu quero deixar para as crianças do amanhã?*





**TALENTO MIRIM**  
1º LUGAR

## **Carta para o planeta que sonho**

*Por Isabella de Souza do Nascimento*

Queridas crianças do amanhã,

Hoje escrevo com esperança no coração e os pés firmes na terra da minha cidade, Jundiaí. Aqui, o vento conversa com as árvores e a Serra do Japi protege nossos sonhos com seu verde gigante. Aprendi que cuidar da natureza é como cuidar de um amigo: ela nos dá sombra, água e ar, mas também precisa de carinho.

Quero que vocês vivam num planeta limpo, com rios que cantam e bichos que brincam livres. Que as praças tenham flores e risos, e que ninguém jogue lixo no chão. Que o céu continue azul, sem fumaça, e que as pessoas plantem mais árvores do que prédios.

Na minha escola, aprendi que reciclar é transformar. Que ajudar é multiplicar. Que respeitar é amar. Por isso, deixo um conselho: cuidem uns dos outros e do mundo como se fosse um jardim. E nunca deixem de sonhar.

Que o futuro seja feito de paz e poesia,  
Com menos tristeza e mais alegria.  
Que o planeta seja lar, não só lugar.  
E que vocês saibam sempre preservar.

Sejam gentis com os animais, com as plantas e com as pessoas. Sejam curiosos, criativos e corajosos. E lembrem-se: cada atitude de hoje constrói o amanhã. Que vocês possam viver num mundo onde a bondade seja moda, e a natureza, nossa melhor amiga.

Com carinho e esperança,  
De uma criança que acredita na mudança.



**TALENTO MIRIM**  
2º LUGAR

## **Carta de esperança por um mundo melhor**

*Por Kiara Di Gioia Menoncin*

Brasil, 12 de agosto de 2025.

A todas as crianças que sonham em viver em um mundo melhor,

Preconceito, pobreza, queimadas, poluição, violência, extinção de espécies, mudanças climáticas, desigualdade, discriminação. Palavras tão rotineiras, você já reparou? Essas falas não deveriam e não podem ser encaradas de forma comum!

Em nosso vocabulário, deveria ser comum falarmos expressões como sustentabilidade, consciência, biodiversidade, inclusão, diversidade, cidadania. Mais positivo que isso, seria se essas palavras e pensamentos passassem para ações.

E nós crianças podemos concretizar isso. Pequenas ações que fazemos no presente, geram grandes diferenças no futuro! Um lixo separado, um banho não demorado, reutilizar materiais, denunciar crimes ambientais, respeitar diferenças, incentivar o estudo, promover acessibilidade, tudo isso conta.

Se quisermos transformar o mundo, devemos começar aplicando essas práticas na escola, em casa, nos condomínios e, talvez, até no bairro. Lembre-se de que pequenas práticas se transformam em grandes resultados!

Para as crianças futuras, quero deixar um mundo em que conseguíssemos transformar o planeta sem prejudicar biomas, ecossistemas, e comunidades, como as indígenas. Também quero que não haja mais discriminação, preconceito, e nem povos e culturas menosprezados. Como se cada ser vivo fosse um ritmo diferente e que se juntássemos tudo, formasse uma bela música, perfeitamente orquestrada, ou seja, um planeta unido por causas e pessoas. Eu desejo um mundo assim.

Tudo o que eu escrevi nessa carta pode passar de um sonho para mudanças, transformações, resultados. Juntos somos mais fortes, não duvide, nós crianças podemos ser a mudança que desejamos para o mundo.

Agradeço a todos que leram essa carta.

Uma criança que quer transformar o mundo em um lugar melhor.



**TALENTO MIRIM**  
3º LUGAR

## Carta para os terráqueos

*Por Nina Reirasi Miranda Silva*

Zalu, 18 de Agosto de 2025

Olá, terráqueos!

Meu nome é Zoe. Estou enviando esta carta porque sempre fui curiosa em relação à Terra e desde criança ouço falar dela.

Me falaram que ela tinha muito potencial para ser linda e colorida, que antigamente os animais, as florestas, as pessoas e até as cidades eram coloridas, mas aos poucos, tudo foi ficando cinza, sem vida e sem alegria. Poxa que triste!

Fiquei triste ao saber que as pessoas que ainda eram coloridas sofriam por serem diferentes e que as cinzas começaram a excluí-las. Será que foi isso que começou a afetar o planeta? Imaginei os rios, mares e florestas perdendo suas cores. Como será que é um ar cinza? Dá para enxergar direito?

Eu moro em um planeta distante chamado Zalu e aqui é bem diferente da Terra. As ruas são limpas, os rios estão sempre brilhantes e quentinhos e não temos pessoas excluindo pessoas. Eu nunca entendi muito bem a razão disso, falam que é tratar diferente por causa da cor, da religião, do gênero, dos costu-

mes ou algo do tipo. Parece até que tem uma palavra para isso, que é “preconceito”, mas para mim não faz sentido.

De qualquer forma, eu gostaria que não acontecesse o que está acontecendo aí. Gostaria que pudessem experimentar essa mesma felicidade de Zalu. Aqui nós plantamos árvores, reciclamos lixo, cuidamos da nossa água, tratamos os zalunianos com respeito, mas não só isso, tratamos com amor.

Enfim, eu torço para que o seu planeta tenha mais alegrias e que as crianças possam brincar nos jardins e respirar ar puro sem se preocupar com o tal “preconceito”, violência, nem nada do tipo. Tomara que isso possa recuperar o planeta de vocês.

Assim, a Terra será igual aqui: Feliz e colorida!

Um abraço, Zoe



**TALENTO MIRIM**  
4º LUGAR

## Um mundo melhor

*Por Giovanna Fontes da Silva*

Queridos exploradores do futuro,

Aqui quem fala é a Giovanna, mas podem me chamar de Gigi, e possamos dizer que eu seja uma pequena garota que nem vocês, só que um pouco mais crescida, já que está carta é do passado e quando vocês lerem eu já vou estar grandinha.

Eu estou fazendo esta carta porque ontem estava vendo jornal com a minha vovó e fiquei assustada com a quantidade de crime tanto ambiental quanto social que tem no mundo e por isso deu vontade de escrever esta carta. Ao mesmo tempo que eu fiquei horrorizada com o que estava acontecendo no planeta aquilo me comoveu profundamente, fazendo eu ter vontade de muda-lo. Depois disso eu fui ao meu quarto pensar sobre isso, e cheguei a conclusão que muitas coisas mudaram antigamente para agora, no entanto, há uma coisa que parece não ter mudado muito desde o passado para o presente e queria que mudasse no futuro: o crime ambiental e social. Eu fico pensando como isso ainda não parou e queria muito que o crime ambiental e social desaparecesse no futuro, pois ninguém que ver seu próprio mundinho desmoronando aos poucos.

Quantas vezes vemos coisas terríveis acontecendo e queremos ajudar, mas ficam falando que somos "pequenos" ou "novos" demais para entender e evitar acontecer esses tipos de coisa.

É cuidando do mundo de forma certa que aprendemos a respeitar e valorizar nosso planeta, pois esse é o nosso dever.

Nós não queremos ver a natureza desaparecendo aos poucos e o crime social aumentando por causa da raça humana.

Eu espero muito que essas pessoas que cometem esse tipo de crime vejam o quanto elas destrói o próprio lar delas, e crianças do futuro, nunca fiquem calados em meio às críticas e problemas ambientais e sociais, é hora de gritarem a favor de um mundo melhor, pois a voz de uma criança pode mudar além do que imagina.



**TALENTO MIRIM**  
5º LUGAR

## **Pedido de socorro para existir um futuro**

*Por Mateus Vinícius de Lima Brandão*

Prezado Futuro,

Estou mandando esta carta como uma forma de conscientizar a população sobre os perigos que o descuido com a natureza pode causar. Há muito tempo pude ouvir as lamentações dos animais, das raízes das árvores, que apenas a cooperação é capaz de cessar.

Desde já, a natureza vem nos beneficiando das suas riquezas por pura caridade, já que nada é entregue em troca, mas muito pelo contrário, a população está desvalorizando essa riqueza que em breve será devastada.

Porém, somos capazes de consertar isso a partir da colaboração da sociedade. O primeiro passo para ajudar o meio ambiente é: Reduzir as queimadas e os desmatamentos, muito das vezes essas ações podem prejudicar não só as árvores, mas também todos os seres vivos, seja destruindo seus habitats ou até mesmo aumentando a temperatura do planeta que faz com que o clima fique instável, piorando a situação do aquecimento global. Efetuar o descarte correto de materiais, pois descartar os materiais recicláveis de forma incorreta ou até mesmo jogando-os em lugares públicos, como calçadas, ruas e rios, pode resultar na morte de animais terrestres e ma-

rinhos e no fim de biomas como da Mata Atlântica que é o bioma mais ameaçado do país.

O agronegócio juntamente das outras fontes de economia do país que utilizam a natureza como forma de sustento, são também principais causadores do devastamento do meio ambiente, essas práticas apesar de serem benéficas para o país também são prejudiciais para o planeta já que a natureza não se estabiliza ao mesmo tempo que é destruída. Uma forma de solucionar esse problema é utilizando o agronegócio de forma sustentável e regenerativa para a recuperação de áreas degradadas.

Utilizando essas práticas seremos capazes de ajudar a natureza e estabilizar o planeta, podendo-se viver em uma sociedade saudável e segura.

Assinado: Mãe Natureza.

# JOVEM TALENTO

**Gênero:** Poesia

**Tema:** Como o lugar em que vivo define minha existência, minha relação com o mundo e com as pessoas ao meu redor

*Entre o concreto  
e o coração: o  
que pulsa mais  
forte na cidade  
que habita em  
mim?*





**JOVEM TALENTO**  
1º LUGAR

## **Os três Santos morros**

*Por Adrielly de Lima Brandão*

Nasci do barro, esse sou eu, aquele chiado no seu ouvido,  
Gritando, clamando para que escutem os meus ao invés dos tiros.  
Gravados não apenas sobre meu brinco, mas por suas câmeras, vídeos,  
A peneira dos seus.

São José, por que me ignora tampando os ouvidos para meu pedido de socorro?  
Inexistente assim me chamam, cego da mentira que me impõem, meu cálice  
Esquenta, arde, brilha, transborda em lágrimas no meu barro.  
Aos teus olhos lama, lamentável, cale-se.

Santa Maria me leve contigo, se me trata como doce, por que fazem isso comigo?  
Uma semente assim posso ser, o começo dos dias, porém descartado.  
Do seu alto avisto um Parque cheio de flores, me sinto na Califórnia ou na Europa,  
Campo de céu Limpo, não há fronteiras, havia murros, a falência de ser esquecido.

Santo Antônio aquela rosa que tu me deste foi embora com o vento,  
Sinto que perdi meu Leste, nesse mar de morro chamado sudeste.  
Afundando na história, mais uma poesia de glória me afoga,  
Rimo sem volume, palco ou plateia. Gritando mais que uma tal de odisseia.

O gosto amargo do seu Estado, no interior do seu prato,  
Lixo é minha semente, meu povo foi jogado migrando para a justiça na vida.  
Logo apagados, três santos afundados, barrados a não ser na preferência de grades.  
Cuspidos para a altitude, rural? Não, a natural de montanhas, madeira e eu,  
O barro de gosto amargo por não ficar calado, já ouviu falar de mim?

Me envolve, sufoca, esconde tudo aquilo que me molda,  
Levo meus olhos aos céus, me calam antes de poder perguntar:  
De onde virá o meu socorro? Me transformo, torno meus medos em rimas,  
O jogo de palavras que me fascina, transbordo da própria vida.

Vivendo dos meus pelos meus, buscando o que os grilos te darão.  
Cresci do barro, esse que também não me pertencia, engraçado  
Que nunca foi dado, apenas roubado, invadido, explorado.  
O que tem mudado nesse teu Estado farto?

E isso me torna, cercado dos três morros, barreiras históricas nunca comentadas.  
Repleto de flores, a falência junto dos três santos, num campo minado,  
Que um dia já foi devastado, explorado e pisado, minhas paredes me modelam,  
Mesmo não sendo modelo, transbordo em palavras que não são lidas,  
Porem cantadas, recitadas, gritadas por aqueles que chamo de meus.

Explodo aquele campo minado para retirar suas bombas,  
Limpo assim o torno, do barro e purificado,  
Levando comigo o seu legado,  
Transbordo e transformo desse meu cálice derramado.



**JOVEM TALENTO**  
2º LUGAR

## **Minha cidade**

*Por Catarina Beteli Queiroz*

Escreveu Mário de Andrade:

“Quando eu morrer quero ficar,  
Não contem aos meus inimigos,  
Sepultado em minha cidade”

No meu túmulo não cabe essa ideia de jerico!  
Uma vez que a minha cidade não é bem localidade,  
Não saberiam onde me enterrar

Minha cidade é migração do meu coração!  
Ele meteu-se numa embarcação,  
navegou da Barra Funda  
até a represa Porto Góes, que o Tietê inunda  
e, passando Salto, Indaiatuba e Itupeva,  
desembarcou na nova terra  
Minha cidade são meus pensamentos  
se perdendo nos dobramentos  
da Serra do Japi  
quando, no Eloy Chaves, cai o ocaso  
[12 anos passados]

Minha cidade é o silêncio do Carmelo São José  
5 minutos antes da missa começar  
e toda a latente fé pulsante nesse tempo-lugar  
Minha cidade é o repouso da alma

Na Catedral do Desterro de Nossa Senhora  
Onde, silente, minha mente se acalma  
pra que ressoem os salmos  
Onde no incenso minha súplica se enlaça  
E sobe ao céu em espirais de fumaça

Minha cidade é a beleza da mesquita  
onde preces azuis ressoam no chão  
Encantei-me com ela quando estive lá!  
Meus lábios não clamam o nome de Allah,  
mas, se andando passo aquele portão  
minha sina é que sempre repita: “é tão bonita...”

Minha cidade é a mistura  
de crença, etnia, origem, cultura,  
judeu, muçulmano, cristão,  
italiano! Questi sono popolari...  
Tutti i nomi sono italiani,  
das festas, famílias, dos bairros, das ruas,  
inúmeras marcas da “terra da uva”  
são manifestadas nas tradições.  
Minha cidade é “*mangia che te fa bene!*”  
antes das refeições, resquício  
do idioma que se  
esvai com o

passar das  
gerações

Minha cidade é a oculta presença  
tupi-guarani, que deu nome sem renome  
“Jundiá-y” é indígena por querença  
Jundiá é vinho, é massa, é imigrante porque escolhe

Minha cidade é a riqueza nas estranhas do teatro escondida,  
que eu decifro usando a linguagem secreta dos artistas  
Traduzo e sinto e guardo, das peças, danças e orquestras,  
a dimensão do impacto que deixa em mim cada uma delas

Minha cidade é a saudade de brincar e ser criança,  
Minha cidade é a memória,  
Minha cidade é a História,  
Minha cidade é a lembrança

Um pedaço é migração,  
Um pedaço é devaneio,  
Um pedaço é oração,  
Um pedaço é minha fé,  
Um pedaço é fé alheia,  
Um pedaço permeia  
lembradas e esquecidas heranças  
Um pedaço é arte  
Um pedaço é infância  
E, somando tudo isso,  
Minha cidade sou eu

Coloquemos assim:

Minha cidade é a Praça da Bandeira  
vista, na Petronilha, de um sobrado  
às quatro horas de uma quarta-feira  
(não é a praça, mas o momento encerrado,  
tempo-local o qual, sendo meu, ninguém viverá igual)



**JOVEM TALENTO**  
3º LUGAR

## **Texto de uma Preta que foi escravizada em Jundiá no século XVIII**

*Por Eloá Silva de Oliveira*

Se suncê qué sabê como é a minha existência  
Em relação ao lugá em que vivo  
Então leia o que a Vovó vai te contá.

Eu cheguei nesta terra gentil e altruísta  
Que eu não me orgulho  
Pois és bem racista,  
Como uma mercadoria,  
Fui usada para movimentar a economia.

Nos tiraram de nossa terra,  
Acorrentaram papai,  
Me arrastaram pelo chão árido,  
Estupraram mamãe  
E eu tive o meu primeiro irmão pardo.

Venderam cada um de nós para um sinhô.  
Nunca mais vi minha família  
E me dói lembrar que no Navio Negreiro,  
Juramos nunca nos separarmos.

Mas os senhores de engenho quiseram assim  
Quinhentos réis,  
Fomos vendidos em feira que nem pastéis.

Cada um de nós foi para uma cidade  
E eu vim parar aqui, em Jundiáí.  
Onde eu sobrevivi, resisti e morri.  
Mas a minh'Alma é eterna  
E eu vou escrever para meu pensamento, propagar  
Não vou me calar.

Nas fazendas ricas entre o café e o canavial  
Eu suava, mas não me calava.  
No toque do atabaque, minh'alma pulsava;  
No toque do berimbau, a capoeira eu jogava;  
No toque do pandeiro, no miudinho eu sambava;  
E infelizmente no tronco do sinhô eu sangrava.

Jundiáí deve se lembrar,  
Que seu chão foi moldado por quem veio de navio pelo mar  
E pelos indígenas que estavam aqui antes de qualquer um chegar.  
Nós pretos e os indígenas fomos escravizados  
Mas esse chão aqui é muito colonizado.

Epsitemicídio

É o nome que se dá

Quando a cidade comete genocídio

E só se lembram de coxinha de queijo e vinho.

Após a Abolição da Escravidão

E após a Lei do Ventre Livre,

Os italianos chegaram

Para suprir a mão de obra que o meu povo

Sem nada receber, já não iria mais fazer.

A face que essa cidade assume é totalmente racista

Gostam de gabar os sobrenomes:

Moretti, Lombardi, Bernardi.

Gostam de fazer festa da uva, festinha italiana

Mas não sabem o mínimo da Cultura Africana.

Lembram do quanto os italianos sofreram péssimas condições trabalhistas

Mas não se lembram de como essa terra aqui

Foi e é escravagista.

Jundiáí, grite aos quatro cantos que você é muito italiano

Mas não se esqueça dos seus Ancestrais Africanos.

Nós te construímos.

Sua economia, nós construímos.

Sua ferrovia, nós construímos.

Seu Solar do Barão, nós construímos.

Uva, Cana-de-açúcar e Café, nós plantamos.

Jundiáí, você é como filhos que têm vergonha dos pais

Mas que não deixam de usufruir deles, jamais.

Eu construí a Igreja que você usava para se confessar  
Depois de me chicotear.  
Acredito que Jesus, o menino de Belém  
Não gostaria de ver você me escravizar.

Em nome do Pai,  
Amém  
E do Espírito Santo  
do Filho

Vá na Fazenda da Nossa Senhora da Conceição  
Se ouvir algum canto,  
É a nossa voz unificada  
Que ainda ecoa por essa cidade,  
Que ainda clama por liberdade!

Jundiáí, apoie mais projetos que propagam a Cultura Preta,  
Pare de olhar somente para os descendentes de italianos  
E valorizem também os descendentes de africanos.  
Garantam uma terra com menos preconceitos  
E mais Paz para os Pretos que estão por vir.

Quem sabe assim,  
Saudades mil levem  
Os que passam por aqui.



**JOVEM TALENTO**  
4º LUGAR

## **Entre a garoa e o asfalto**

*Por Eduarda Salvatico Salvi*

A fina neblina envolve os prédios.  
A voz do tráfego é uma música infinita,  
Um eco constante que preenche a memória.  
É um hino da pressa, o pulso da vida.

Em cada esquina, uma nova voz.  
Uma língua diferente, um mundo inteiro dentro de um olhar.  
Tenho no meu peito o cheiro do café forte  
E a umidade que o ar da tarde carrega.

O caminho é sempre em frente,  
Pelas ruas que se entrelaçam como veias,  
Levando as pessoas para seus lugares de ser.  
Os prédios cinzas são telas,  
Histórias contadas em cores fortes e formas soltas.

Essa cidade não dorme, e eu também não.  
Ela vive dentro de mim.



**JOVEM TALENTO**  
5º LUGAR

## **Pretérito imperfeito do saber**

*Por Kalel Rodrigues de Souza*

mentem os mapas: fronteiras não há!  
na túrgida matéria do espaço entre viventes  
uma etérea túnica tece os laços das gentes  
pra parir a simples coisinha chamada lar

sequer barreiras de carne me cerceiam  
o abjeto é gosto, o concreto natimorto  
o perto imposto, abstrato é meu porto  
quaisquer beiras de ato me incendeiam

é meu quintal dos espinhos a casa  
as raízes encrustam-se na janela  
mas eu sou asa

como ficar se tenho fome?  
para quê soneto?  
o gato no cosmos, a avó à espera  
as melodias das conversas cotidianas,  
as pazes insanas, o sol preto  
que tudo irradia e mistura  
e crava em meu peito a pintura:

minha professora em Versalhes,  
Napoleão nos semáforos e pares,  
Robespierre no cangaço,  
Júlio César em Gólgota,  
Ícaro e Dumont no terraço,  
minha mãe de terracota  
eu aqui. eu lá. Eu  
vindo da pequenez que quando projetada  
é como grandeza nenhuma poderia ser alçada  
por isso criam os países, os estados, os municípios,  
o indivíduo, sua idade e seus amores  
de minha cidade eu roubei as flores.

# ADULTO

**Gênero:** Conto

**Tema:** Patrimônio como memória ancestral

*Lugares e vivências que lembram de onde eu vim: histórias de memória e herança viva*





**ADULTO**  
**1º LUGAR**

## **A linha dourada que segura o tempo**

*Por Iane Maria dos Santos Vasconcelos*

O velório ocorria na sala grande da casa antiga, onde as paredes ostentavam fotografias amareladas e molduras descascadas, como se o tempo tivesse deixado nelas a assinatura de sua paciência.

O cheiro de vela misturava-se ao aroma persistente de café recém-passado, servido em xícaras de porcelana fina que só apareciam em ocasiões solenes. Sobre a mesa de jacarandá, ao lado do caixão, repousava a colcha de retalhos que a avó costurara por décadas — um emaranhado de tecidos, cores e linhas que pareciam conter mais do que simples desenhos.

A jovem, sentada num canto, observava o tecido como quem encara um enigma que não se sabe por onde decifrar. Não entendia por que a colcha havia sido deixada para ela, quando havia tantos outros herdeiros mais velhos, mais próximos da avó nos últimos anos.

A entrega fora feita sem cerimônia: uma prima, com os olhos vermelhos, apenas colocou o embrulho em seu colo e murmurou, “Foi o desejo dela”.

O velório seguia com o ritual silencioso das despedidas, cada pessoa cruzando a sala com passos contidos, murmurando histórias breves sobre a falecida, como se estivessem depositando flores invisíveis sobre a memória dela. A jovem, no entanto, sentia-se deslocada, como se estivesse assistindo a uma cena pela vidraça de uma janela que não se abre.

Seus dedos, quase sem perceber, começaram a explorar os relevos do bordado: aqui, um pedaço de tecido azul-marinho com minúsculos pontos brancos; ali, um retalho floral desbotado pelo sol. Não sabia que cada fragmento guardava a geografia íntima de sua família — memórias que, até então, ela não suspeitava carregar no próprio corpo.

Lá fora, uma chuva fina começava a cair, e o som dos pingos no telhado lembrava-lhe tardes de infância, quando corria pelo quintal enlameado da avó, sem a menor noção de que aqueles momentos, um dia, se tornariam impossíveis de repetir.

A colcha, dobrada sobre o colo, exalava um perfume quase imperceptível de alfazema e madeira guardada, como se tivesse absorvido a atmosfera de todos os cômodos por onde passara.

Quando o relógio da sala soou a primeira badalada das sete, ela percebeu que o velório estava chegando ao fim. Alguns já se dirigiam ao quintal para acompanhar o cortejo até o cemitério.

Mas, antes que pudesse se levantar, seu olhar prendeu-se a um ponto quase escondido no canto da colcha: um bordado em forma de estrela, feito com linha dourada, diferente de todos os outros. Aquilo não parecia casual. Era como se a avó tivesse deixado um sinal, um convite silencioso para seguir um caminho que ainda precisava ser descoberto.

\*\*\*\*\*

De volta ao quarto da avó, já depois do enterro, a jovem estendeu a colcha sobre a cama de ferro, observando-a à luz suave que entrava pela janela. A trama irregular dos retalhos parecia ganhar vida sob o sol da tarde, como se as linhas dançassem, costurando histórias no ar.

Seus dedos percorreram o tecido, sentindo a aspereza de uns, a maciez de outros, como se cada fragmento guardasse a temperatura exata do tempo em que fora costurado.

O primeiro que lhe chamou a atenção foi um retalho de algodão grosso, estampado com pequenos barcos. Reconheceu-o como parte de um vestido que usara quando criança, numa festa à beira do rio.

Ao tocá-lo, foi como se o som das águas e o cheiro de peixe assado subissem do tecido para o quarto, trazendo de volta a voz grave de seu pai contando histórias de pescadores que conversavam com as marés.

Ao lado, um pedaço de pano verde-musgo trazia bordadas duas árvores retorcidas. Eram a réplica perfeita das mangueiras que sombreavam o quintal da família, onde a avó pendurava redes e ensinava as crianças a descascar frutas com as mãos, “para sentir o gosto verdadeiro da vida”, como dizia.

A lembrança trouxe um peso doce, e ela percebeu que o quintal já não existia — fora engolido pelo concreto de um estacionamento.

Continuando o percurso, encontrou um retalho de linho cru, com delicadas flores azuis bordadas em ponto-cruz. Ao encostar nele, viu-se sentada na sala de costura, observando a avó trabalhar em silêncio, apenas interrompido pelo ranger da máquina e pelo canto distante de um rádio antigo.

Nesse instante, entendeu que aquele pedaço não era apenas decoração, mas um registro do ofício que sustentara a família por anos — e, talvez, da paciência como herança.

Quanto mais avançava na leitura do tecido, mais percebia que estava diante de um mapa que não se limitava a ruas ou marcos geográficos: era um mapa de afetos, de lutas e de pertença. Cada retalho parecia conter uma coordenada emocional, um endereço onde a memória encontrava abrigo.

Foi então que, no canto inferior, quase oculto sob a barra, encontrou um quadrado de veludo vinho. Diferente dos outros, não trazia figura clara, apenas uma linha dourada formando um desenho que lembrava um caminho sinuoso. Ao passar o dedo sobre ele, sentiu um arrepio, como se aquele traço escondesse algo que a avó não havia contado a ninguém.

A jovem afastou-se um passo, contemplando a colcha como quem lê um texto cifrado. Pela primeira vez, compreendeu que aquele objeto não era apenas

uma lembrança, mas um instrumento de ligação entre tempos e gerações — um patrimônio invisível, costurado ponto a ponto, que sobrevivera a guerras silenciosas, a perdas e a recomeços.

\*\*\*\*\*

Ao inclinar-se para observar melhor o quadrado de veludo vinho, a jovem percebeu que a linha dourada não era apenas um ornamento, mas um traço contínuo, irregular, que formava um desenho deliberado.

Levantou com cuidado a barra costurada por cima e encontrou, no avesso do tecido, pequenas letras bordadas à mão, quase apagadas pelo tempo. Eram coordenadas - números e siglas que, aos olhos dela, mais pareciam um enigma cartográfico.

Levou a colcha para junto da janela e deixou que a luz incidisse diretamente sobre o veludo. A linha dourada, sob o sol, parecia um fio de rio serpenteando entre margens invisíveis.

Uma lembrança veio de repente: ela ainda criança, ouvindo a avó dizer que alguns lugares não cabem nos mapas oficiais porque são feitos para proteger segredos.

Determinada a decifrar o enigma, passou a noite revirando caixas antigas, cadernos e cartas que estavam no baú da família. Encontrou, entre páginas amareladas, uma fotografia em preto e branco: a avó, ainda jovem, ao lado de homens e mulheres com roupas simples, segurando ferramentas e cestos de frutas.

Ao fundo, uma casa de barro com o telhado de palha e um símbolo idêntico ao bordado no retalho de veludo.

Aos poucos, a história começou a se formar como um mosaico. A avó havia feito uma promessa, décadas atrás, a um grupo de famílias que viviam em terras ameaçadas pela expansão de uma usina.

Jurara guardar o segredo do caminho até um ponto de encontro seguro, onde guardavam sementes raras, documentos e objetos de valor sentimental — um refúgio contra o apagamento forçado de suas histórias.

O retalho de veludo, entendeu ela, era mais do que uma lembrança: era um código de

resistência. O ouro da linha não representava riqueza material, mas o valor de uma herança viva, feita de dignidade e de luta.

A revelação pulsava como uma chama dentro dela. Ao mesmo tempo em que sentia o peso da responsabilidade, um sentido de pertencimento, até então adormecido, começava a despertar. O mapa não lhe entregava apenas um destino físico, mas a convocava a se tornar parte de algo maior — a continuidade de um pacto silencioso que atravessara gerações.

O silêncio do quarto parecia diferente agora. Não era ausência de som, mas a respiração lenta e profunda da memória, aguardando o próximo passo. Ela sabia que, dali em diante, nada do que herdara poderia ser apenas guardado: precisava ser vivido.

\*\*\*\*\*

O caminho até o local não estava nos mapas impressos nem nas placas da estrada. Seguia o traçado irregular do bordado dourado, cruzando ruas estreitas, vielas com muros descascados e pequenos campos onde o vento carregava o cheiro de terra úmida. O tempo parecia dilatar-se, como se cada passo fosse atravessar não apenas um espaço, mas camadas de histórias sobrepostas.

A jovem alcançou uma clareira escondida por árvores frondosas, cujas raízes expostas pareciam braços entrelaçados segurando o chão. No centro, uma construção singela, feita de barro e pedra, com o mesmo símbolo costurado no retalho de veludo. Empurrou a porta de madeira e sentiu um ar frio, perfumado por ervas secas e cera queimada.

Sobre uma mesa rústica, repousava o relicário: uma pequena caixa de madeira escura, polida pelo uso e marcada por entalhes que imitavam ondas. Ao abri-lo, encontrou cartas amarradas com fita, fotografias desbotadas, sementes guardadas em saquinhos de pano, um pedaço de tecido idêntico ao da colcha e um diário com a caligrafia firme da avó.

Cada objeto parecia pulsar com a presença de quem o havia tocado. As cartas falavam de colheitas, de fugas noturnas para escapar de despejos, de festas improvisadas para celebrar a sobrevivência. As fotos mostravam rostos que, embora desconhecidos para ela, carregavam traços que reconhecia no espelho. As sementes, nomeadas com cuidado, eram de plantas que quase não se viam mais na cidade — lembranças vivas de sabores e remédios que o tempo teimava em apagar.

Ao folhear o diário, entendeu que aquele lugar fora mantido em segredo não apenas para proteger objetos, mas para preservar o elo invisível entre as pessoas que resistiram juntas. A avó escrevera que o patrimônio verdadeiro não está nas paredes de pedra, mas nas redes de afeto e solidariedade, na coragem de transmitir histórias e no cuidado com o que não pode ser substituído.

Lá fora, o vento balançava as folhas e trazia um murmúrio que soava como bênção. Fechou o relicário com delicadeza, consciente de que o gesto não era um fim, mas um começo. Caminhou de volta levando consigo mais que a colcha: levava a certeza de que carregava, bordado na própria memória, o mapa de um pertencimento que nenhuma distância poderia apagar.



**ADULTO**  
**2º LUGAR**

## A raposa de gesso

*Por Felipe Domingues Silva de Andrade*

Se você atravessar o *torii* do Grande Templo Kodama ao final da Hora da Raposa, quando os jardins recolhem a luz e as lanternas de pedra resolvem brilhar um pouco mais cedo que o costume, talvez escute o fio de uma história que passa de boca em boca como incenso que não se apaga — uma história soprada pelos *kami* para que não se perca. E se você parar o passo, eu lhe conto sobre três crianças que vieram ao mundo na mesma noite e sobre a ligação incomum que compartilhavam.

Foi numa vila afastada, dessas que se deitam obedientes ao pé dos bambuzais e preferem o rumor dos riachos à voz dos mercados. Naquela noite, três mulheres entraram em trabalho de parto ao mesmo tempo, e os anciãos decidiram levá-las todas à mesma casa, como se a aldeia inteira precisasse testemunhar o presságio.

A única parteira do vilarejo, acompanhada de sua jovem ajudante, coordenava as mulheres chamadas às pressas. Cada uma assumia o que sabia: segurar a mãe em contrações, aquecer a água, trocar os panos, massagear o ventre com óleo morno. A parteira, voz firme apesar da urgência, guiava todas enquanto entoava cânticos antigos; e as respostas vinham em coro trêmulo, rezas que se misturavam aos gritos de dor e ao suor. Assim, mãos e vozes trabalhavam juntas — trabalho humano e espiritual.

Quando os três choros enfim se ergueram em uníssono, do lado de fora uma neve leve começou a cair — embora não fosse inverno. Isso, você que me escuta, não é acaso: é a marca silenciosa da influência dos *kamis*.

Cresceram como irmãos do campo crescem: com joelhos feridos, dedos manchados de fruta e olhos atentos ao movimento do vento. Kaede, risonha e de olhos cor de âmbar, falava com os pássaros como se fossem vizinhos; Hayato, paciente, sabia rastrear pegadas e ler a floresta como um pergaminho aberto; e havia ainda Miyuki, a silenciosa, alta para a idade, com manchas claras na pele escura e um olhar que carregava duas cores — uma herdada de cada irmão.

Um dia, Kaede se perdeu. A trilha bifurcou-se sem aviso, e o riso dela se apagou entre as árvores. Antes que o pânico pudesse crescer, Hayato sentiu no peito uma pressão estranha e Miyuki também parou de repente, os olhos de cores diferentes fixos no vazio, como se escutasse algo que não vinha do mundo dos homens. Sem trocar palavra, ambos souberam para onde correr.

Encontraram a irmã encolhida dentro de uma toca rasa, o corpo tremendo, enquanto um urso negro investia contra a entrada, rosnando em fúria. O espaço estreito impedia a fera de alcançá-la, mas as garras já arrancavam terra e raízes. Hayato, com rapidez, lançou pedras certas contra os olhos do animal, distraíndo-o. Miyuki, sem hesitar, ergueu um galho pesado e golpeou o chão diante da besta, firme como uma muralha de carne e ossos. O urso recuou, surpreso pelo desafio, e desapareceu entre as sombras da mata.

Quando o silêncio voltou, a própria floresta parecia conter a respiração, como se aguardasse o próximo gesto. Os dois entraram na toca para consolar Kaede, e entre a terra úmida e o cheiro de folhas antigas, encontraram uma pequena estátua branca, moldada em gesso endurecido.

Representava uma raposa encolhida em sono profundo, tão perfeita que parecia ter nascido da própria rocha.

Foi assim que, pela primeira vez, ouviram falar da Raposa de Gesso — uma guardiã que já os esperava.

Não tardou para as histórias acordarem. Falava-se, entre painéis e pátios de uma Raposa de Gesso, pequena estátua encontrada numa toca, branca e pesada como se a neve houvesse aprendido a ser pedra. No mesmo dia, um altar humilde foi erguido à entrada daquela toca, e sempre que alguém acendia uma vela para agradecer um retorno em segurança, a chama recusava-se a morrer quando os ventos do vale corriam. Para quem vive no feudo Hayashi, isso significa mais do que coincidência: é sinal de kami.

O Grande Templo Kodama logo soube da notícia; e quando o templo escuta, a aldeia muda de roupa, as crianças se lavam melhor, e a vida aprende a sentar direito. Como você já sabe, o templo é a maior autoridade espiritual da região, erguido sobre o tronco do antigo kodama ancestral. Ali se sustenta a lei deixada por Akahara Rei: *“os kami decidem os assuntos dos kami, os samurais decidem os assuntos humanos, e o templo intermedia quando os dois se entrelaçam”*. Por isso, quando algo incomum acontece, é no templo que se decide.

Vieram, então, o convite e as reverências. O templo não mede origens quando a estranheza é clara como água de fonte. Na época certa, as três crianças aceitaram o caminho das escadas e se apresentaram diante dos altares. Como todos que entram para a comunidade, precisavam passar pelo Ritual de Afinidade, no qual um dos quatro grandes deuses da floresta pode responder ao chamado e abrir o mundo interior da criança, para que os monges vislumbrem a melhor forma de guiá-la.

O ritual exige silêncio, e cada silêncio pesa o que o coração aguenta. Monges e samurais de alto escalão observam atentos, avaliando se os escolhidos possuem potencial para servir — como aprendizes, guardiões ou condutores de ritos. Esperava-se que cada um visse o seu próprio mundo, como é praxe. Mas quando Miyuki terminou seus ritos, seus irmãos espirituais foram puxados junto para o transe — unidos, assim como vieram ao mundo.

Estavam em uma caverna que respirava como um animal antigo. O chão de rocha úmida devolvia um frio de lago, e o ar tinha gosto de carvão apagado. Ali

não estavam com seus corpos humanos: reconheceram-se como raposas aninhadas, protegendo-se do frio. Você sabe quando uma memória não é sua e, ainda assim, obedece à sua saudade? Foi o que sentiram quando ela surgiu.

A mãe deles apareceu — uma mulher samurai de vestes luxuosas, cuja presença era tão firme que a própria escuridão se endireitou. Aproximou-se sem ruído, tocou a testa de cada raposinha com ternura e sussurrou o segredo do abrigo entre véus: um artifício de sobrevivência dos espíritos que não se escreve em pergaminho. Havia urgência em sua voz. Obedientes, as três raposinhas se viraram para as fendas da parede e se esconderam no vão entre os mundos, nem no material nem no espiritual, mas no espaço estreito entre os dois.

Então chegaram sete samurais, liderados por um homem de postura impecável e coração mal alinhado. Ele dizia que sua esposa fora devorada por uma *kitsune* — e o que a crença exige de um homem, você sabe, a lâmina cumpre sem perguntar. A mulher ergueu-se diante deles com postura nobre e declarou: sempre fora sua esposa, sempre fora uma *kitsune*, mesmo antes de se conhecerem. Em forma humana dera a ele três filhos, partilhara alegrias e dores, e sua origem pouco importava diante da família que haviam construído.

Mas o homem não quis ouvir. Já havia forçado sua visão de mundo e não aceitaria jamais que se casara com um *ayakashi*, um espírito inferior, um *yōkai*. Para ele, sua esposa havia sido devorada, e diante dele estava apenas o monstro responsável. Era isso que queria acreditar, e precisava eliminar todas as provas do contrário — inclusive os filhos.

A fúria fez peso demais para um corpo só. Quatro caudas brancas se esgueiraram por debaixo da barra do quimono enquanto o rosto dela se transformava em um misto de mulher e raposa. Garras e presas surgiram e os filhos atingiram o pescoço dos samurais mais próximos, enquanto as caudas tomaram forma de grandes raposas e se desprenderam do corpo, avançando com ferocidade contra os que ameaçavam suas crias.

A luta foi áspera e breve. Mais dois samurais tombaram diante das raposas

monstruosas, mas estas também caíram sob o aço; o ar ficou pesado de ferro e medo. Então, diante da respiração cansada do líder, a mulher-kitsune disse o que não cabia no espírito dele: que sempre fora sua esposa, que o amor havia requerido metamorfose, que os filhos dele corriam pela trilha.

Nesse ponto, as versões divergem por pudor, mas o que se conta no templo é suficiente: ele ergueu a espada, e a cabeça dela tombou como fruto maduro demais.

A última cauda, consciente, correu para proteger os pequenos e, num salto que os humanos não compreendem, atravessou o véu do mundo dos espíritos, levando-os para fora da caverna, longe do aço.

O restante você enxerga sem que eu precise pintar até o fim. Os homens que sobraram perderam mais do que companheiros: perderam também a honra, ao auxiliar em um pecado sem perdão. Caçaram a raposa sobrevivente e seus filhotes pela floresta até encontrá-los numa toca, junto às raízes de uma árvore próxima a um vilarejo isolado.

Para salvar o que podia, a cauda se enrijeceu — pedra sobre carne, gesso sobre choro — envolvendo os pequenos e cantando para acalmá-los enquanto mãos humanas alargavam o buraco para arrancá-los.

O líder ordenou silêncio, e o silêncio tem mãos firmes. Mandou dizer que sua esposa fora devorada, fechou a cicatriz com mentira, lacrou a própria culpa em cartas de condolência e censura, e voltou ao castelo sem olhar para trás.

Ela, decapitada, ainda tinha uma prece na boca que não existia mais — e os deuses que escutam o que não tem boca são raros.

Mas os monges que presenciaram aquelas visões tremeram quando a própria Kōchūmofuri, guardiã do inverno, senhora dos insetos e das brasas ocultas, surgiu no salão. No colo trazia os espíritos das três raposinhas: cada uma com a cor dos olhos de uma criança, unidas por um fio prateado que tremulava como neve à luz da lua.

Houve uma conversa que não se fala. Houve um preço que não se conta. A deusa, porém, olhou com desprezo para um dos senhores samurai que ainda

estava presente, petrificado de medo. Tentou fugir, mas seus próprios familiares o detiveram.

Décadas se passaram, mas os deuses não esquecem. A senhora do inverno exigia o julgamento daquele que massacrara uma de suas filhas.

O senhor samurai foi levado pelos monges, e até hoje não se sabe o que aconteceu com ele, quem ofende um deus tão grande carrega o peso não apenas nesta vida — seu karma o seguirá pelas próximas reencarnações, até que aprenda sua dívida esteja paga.

É por isso que lhe digo, viajante: respeite suas origens e honre sua linhagem, não importa de onde venha. Pois o mundo todo é conectado — homens, espíritos, rios e florestas —, e nada que se faz deixa de ecoar no tecido da vida.

Assim dizem os monges de Kodama: *“A raiz que esquece a terra seca; a chama que esquece o vento se apaga; o homem que esquece a natureza se perde.”*

A chama da lanterna tremulou, e tudo à volta pareceu se materializar como quem desperta de um sonho. À sua frente, a contadora da história - uma mulher de olhos âmbar e sorriso travesso - fechou o leque e inclinou a cabeça. Kaede, já adulta, lhe deu uma piscadela, como se guardasse consigo ainda mais segredos.

— Agora você já sabe, viajante. A lenda vive em quem a escuta.

Então virou-se e caminhou até seus irmãos que a esperavam na sombra. Quando desapareceram juntos na noite, você se perguntou se havia ouvido uma história... ou sido chamado a fazer parte dela.



**ADULTO**  
3º LUGAR

## **Mar de dentro**

*Por Edison Luiz Leal Junior*

As mãos do meu avô tinham cheiro de mar. Mesmo quando estavam secas, carregavam sal nos vincos dos dedos. Ele dizia que era porque o mar morava dentro da gente. E eu, menino, não entendia, mas acreditava. Sentava na beira do cais, os pés balançando no ar, enquanto ele remendava redes e contava histórias de um lugar que existia antes do Brasil em nós: os Açores.

“Onde nascemos, o chão tremia”, ele dizia. “As montanhas cuspiam fogo. O céu se fundia com o mar, que cercava tudo. Nossas ilhas eram o fim e início de tudo, isolados estávamos sempre à espera do que o mar iria nos presentear. A terra era preta, áspera, permeada por campos verdes e caldeiras vulcânicas. A gente vivia com um olho na enxada e o outro no horizonte — a natureza era bela e também cruel. Açores... é de lá que vem nossos nomes.”

E enquanto ele falava, eu imaginava as casas brancas de telhados vermelhos, o cheiro de peixe seco e hortelã das cozinhas rústicas, o canto das mulheres bordando rendas ao entardecer. As vozes carregavam o tempo, e o tempo carregava as vozes. Quando contava dos Açores, seus olhos brilhavam com a luz de mil pores do sol sobre o Atlântico.

Dizem que a primeira da família que chegou foi uma mulher. Sozinha. Maria. Trouxe na bagagem sementes, uma imagem de santo e o nome do marido que ficou. Foi ela quem pariu o começo de tudo aqui. Primeiro em Desterro, depois Porto Belo — pode existir nome mais singelo para um lugar de mar?

Desterro, diziam os primeiros filhos de Maria, era um lugar de porto seguro, sinos de igreja e peixe fresco. A mercearia tinha cheiro de sal, limão e promessas. As ruas eram de terra batida, e as casas, de madeira com janelas azuis — eram homenagens ao céu e ao mar. Vizinho chamava vizinho com um aceno ou um copo de café preto. Crianças corriam descalças pelas calçadas, fugindo de galinhas ou perseguindo pipas improvisadas com jornais velhos. Desterro virou Florianópolis — mas, pra nós, o nome antigo sempre pesou. Afinal, Nossa Senhora do Desterro é um título dado à Santíssima Virgem Maria, representando a fuga da Sagrada Família para o Egito. Esquecer esse nome original era como se fosse pecado.

De Desterro, vieram para Porto Belo. A terra era farta. O mato, grosso. O mar, o mesmo. Os primeiros tempos foram de roça e rede de pesca. Trilhas entre as poucas residências, rancho dos pescadores à beira da enseada. O barco era o veículo sagrado: transporte das coisas, das pessoas, da noiva prometida, do sustento, às vezes lar, e de homenagens ao dia do Senhor — Senhor dos Passos, sempre navegando pela baía no sexto dia de agosto.

Durante a festa, velas iluminavam os rostos envelhecidos e as mãos calejadas dos homens do mar. Cantorias de ladainhas eram acompanhadas pelo “rogai por nós” e pelas ondas; a igreja ficava de frente para a enseada encantada de Porto Belo.

Casas simples, assoalho de madeira, sem eira nem beira. Telha de barro, moldada na coxa, como faziam os romanos. A cozinha era o centro de tudo: ali se cozinhava, se comia, se conversava e se esquentava nos dias frios ao redor do fogão a lenha. Da sala, viam-se os três quartos, pois corredor era luxo dispensado em casa de gente simples. Um era do vô e da vó. Outro, das meninas. O terceiro, dos meninos — e só. Visita, quando vinha, dormia de forma improvisada na sala. Às vezes, um dos netos ia para o sofá, e a visita tomava um dos quartos. Na parede da sala, havia duas fotos: uma da bisavó Candinha e outra do avô, quando serviu por pouco tempo no exército. Barba feita, cabelo cortado e olhos esverdeados. Como era belo meu avô de Porto Belo.

O domingo era especial — começava com oração no templo e som de sino do campanário. Como não havia estradas, a praia era o caminho de retorno, o que levava a muitas brincadeiras na areia, levando consigo risos e pegadas que a maré apagava. Mas não podia sujar a roupa de domingo. Depois, vinha o almoço com toda família, comer melancia, banho de mar, café com laranja e farinha, que alegria. E, enfim, dormir, pois pelo amanhecer é dia de pescar se Deus permitir — melhor se ajoelhar e rezar para o mar ter fartura e calma, viva à Virgem Maria.

A noite era um mistério. Sem luz, tinham-se apenas velas e medo — medo de tudo: assombrações, bruxas, mulas sem cabeça, riscos de fogo no céu. Coragem mesmo tinham os enamorados, que na madrugada fugiam pulando as janelas dos quartos em noites de lua cheia para sentir o calor e o molhado de um beijo apaixonado.

Felicidade e amor eram abundantes, mas também existia dor. Os filhos nasciam em casa, pura alegria quando tudo funcionava. No entanto, a tragédia também existia. Muitos não chegavam a respirar, a chorar, partiam antes de chegar. Roupas dobradas, berço vazio. Vestiam, sim, um terno de madeira branca, dormiam o sonho que nem o tempo ousava sonhar. A morte assustava. Oração era o que restava.

Cresci ouvindo essas histórias como quem escuta um conto encantado — e talvez fossem mesmo. Cada geração, um novo capítulo: Tobias, Manoel, Marcos, Idércio — meu avô. Pescadores, agricultores, homens da terra e da água — água salgada.

Mas eu...

Eu escolhi os livros.

Aos 18 anos, fui embora para estudar História. Lembro-me do olhar do meu avô no dia da despedida. Ele segurou minha mão com força.

“Se for pra estudar, estuda a gente”. E sorriu com o mesmo sal nos olhos.

Estudei. Perdi-me em bibliotecas. Viajei sem sair da cadeira. Mas, quanto mais lia sobre reis, revoluções, descobrimentos e quedas, mais sentia falta das

histórias da rede, da canoa, da farinha de mandioca que minha avó — Izaltina — fazia. As bananas e os pães que ela assava no fogão à lenha são memórias que não se apagam. Ela tirava as fornadas com um pano grosso e colocava sobre a mesa de madeira lascada, ainda quente. Enquanto servia café coado, contava histórias de Maria, da canoa que não voltava, do filho que sumira nas matas. Era no pão que o passado fermentava.

E havia também o alimento que vinha do mar. Peixes, em sua maioria — de escama ou pele lisa — desciam suaves como brisa. Eram tempos difíceis, mas o peixe assado, ensopado ou frito, sempre existia. De carne branca e macia, às vezes com ova — era o nosso caviar, que irradiava alegria à mesa, no almoço e jantar. Tubarão, sardinha, corvina, tainha... traziam sabor e vida à cozinha. Mas, de todos os peixes que há, existe um que nunca me faltou na memória: Maria Luísa — peixe que matou minha fome e alimentou meu coração em anos de cão. Salvou não só a mim, mas toda uma geração.

E, quando não era vendido, camarão também era servido. Dias de banquete e glória que merecem ser lembrados como festa e oração. Foi aí que entendi: minha história não era menor do que aquelas que enchem os livros — só era calada.

Voltei. Com um diploma e a cabeça cheia de perguntas.

Passei a escutar mais. A anotar. A escrever. As histórias do meu povo viraram crônicas, depois capítulos, depois livros. Comecei a registrar os nomes esquecidos. Os gestos. As receitas. Os cantos. As promessas que nunca foram ditas em voz alta. Antes de tudo se perder, perdi-me nas aventuras dos meus ancestrais. Escrever era preciso.

Um dia, voltei ao cais de pesca do meu avô. Foi difícil. Ele já tinha partido — mas senti sua presença. O nosso mar estava lá. O mesmo mar dos Açores. O mesmo mar que carregou Maria. Que acolheu Tobias. Que alimentou Marcos. Que batizou Izaltina. Que banhou minha mãe, Zenir, quando menina.

O mesmo mar que agora molha os meus pés, as areias finas e brancas da praia, um dia me viu partir, me viu voltar. Mas será que ainda é o mesmo?

Sentei-me onde costumava me balançar. Na beira do cais, as pernas bailavam para lá e para cá. Deixei o vento me contar, porque agora, eu sabia escutar.

Entendi, enfim, o que meu avô quis dizer. Não importa se o mar é o mesmo ou se é diferente. Se é o mar dos Açores, de Desterro ou de Porto Belo. O que realmente importa é que o mar está em mim, dentro da gente.

Agora, quando ouço o mar, escuto vô Idércio de fala mansa, mente calma, olhar de abrigo. Choro de saudade daquele que foi pai, professor, refúgio, ouvido para meus lamentos e tormentos.

Sua lembrança é meu patrimônio. Levar essas lembranças comigo é, de certa forma, seguir navegando por dentro da minha história. É por ele que revisito minha memória ancestral, do lugar de onde vim e das vivências sentidas. Lembro-me quem eu realmente sou.

Sou herança viva. Sou gota salgada de um povo. Sou mar de dentro.



**ADULTO**  
4º LUGAR

## O cheiro do grafite

*Por Clarisse Fukelman*

Para meu desespero, a tia era contra fotografia. Não consegui um retrato sequer do seu rosto para abraçar escondido na hora de dormir. Eu tinha treze anos quando a conheci. O contato inicial foi rápido, mas fulminante. O pai a pegou no aeroporto quando veio morar conosco durante o estágio num laboratório da cidade. No momento em que saía para a escola, cruzei com eles no saguão do prédio e, num *flash*, incendiei por dentro. Foi como a freada repentina de um caminhão ladeira abaixo. Com cara de panaca fui rindo no trajeto. Uma deusa ia morar comigo. Passei a manhã olhando distraído para o quadro-negro. O lápis deslizava no caderno, traçando curvas e lábios gigantes, como a pintura erótica do Man Ray.

Eu ainda não sabia, mas tinha sido fulminado pela paixão. A primeira. A que crava na pele um corte com sangue. A visão juntava deslumbramento e medo. Aquela mulher não precisava de maquiagem, saia curta ou decote. Ela se bastava, como a fita métrica. Fruto da natureza selvagem, incorporava a sensualidade das glicínias: cabelos de cachos longos, gesto suave e até os olhos eram flores azuis arroxeadas. Mesmo de longe, emanava uma fragrância que entorpecia as narinas.

Minha tia era exuberante como os Alpes suíços. Era ferosa como a pororoca que nasce do encontro entre as águas do Mearim e do Araguari. Me encantou e me fez padecer, numa fase difícil da vida. A puberdade é uma invenção altamente reprovável. Concentra um monte de lixo que devia ser elimi-

nado ou distribuído em doses homeopáticas ao longo da vida: ansiedade, estresse, necessidade de aprovação e solidão. Não ter com quem dividir as dúvidas funciona como pecado sem perdão. Os colegas zombam de tudo e desabafar em casa significa aceitar a derrota antes do final da luta.

Com vinte e dois anos, Isabel era a única filha mulher de uma família simples paraense. Apenas meu pai migrou para o sul, os irmãos ficaram na roça e os avós nunca vieram nos visitar. Longe, caro e não tinham segurança em voar de avião. Meu velho retornou só uma vez, sozinho e por pouco tempo, para o enterro da madrinha dele, mas a chegada da sereia compensou a promessa adiada de me levar para pescar no rio Tapajós.

A notícia de que a caçula tinha conquistado a bolsa de estudos mexeu com ele da cabeça até as raízes do pé. Era mais que orgulho. Puseram no correio, registrado e carimbado, um naco vivo do passado. O sujeito carinhoso e caladão, quase recatado, mas não fechado como acabei ficando, virou outra pessoa. Quando confirmaram a data, demonstrou uma agitação inusitada. Ficou obsessivo em organizar tudo de forma perfeita. Esvaziou o cômodo da bagunça, comprou cama nova, localizou o filme com fotos de infância, mandou revelar algumas e as emoldurou para o quarto dela. À toa. Ela gostou de tudo, mas retirou as imagens onde aparece bebê e ainda menina, guardou no gaveteiro e pendurou nos ganchos um xale feito à mão, como teia de aranha miúda e colorida. Foi a única coisa que rejeitou, mas notou a decepção na cara do irmão e pediu desculpas. Ele respondeu com um abraço e determinou que minha mãe e eu não tocássemos no assunto. Nem demos importância. Era um acordo entre eles.

O problema foi esconder o coração pulando na garganta, desviar os olhos de espantalho babão e controlar o corpo em fase de mudança. Já disse: adolescência é uma travessia difícil. Tomei ódio da expressão “típico da puberdade” que me ofendia, porque sugere a gestação de um monstro. Aparecem pelos no púbis, nas axilas e no rosto, os cabelos vão ficando cada vez mais grossos. Os hormônios te arranham por dentro, ejetam impulsos nervo-

sos e os órgãos internos crescem na velocidade com que se enche o pneu da bicicleta. A laringe começa a estudar saxofone porque a voz desafina sem aviso prévio e a gente vira bobo da corte. Meu refúgio era unicamente desenhar, porque perdi a concentração para a leitura e não me animava a jogar bola.

Quando voltei da escola, naquele primeiro dia, a casa estava diferente, com a respiração sensual da alegria e objetos novos: luminária de fibra de arumã, gamela de pequiá, pulseira indígena no braço da mãe e rede para varanda que acabou sendo pendurada no quarto da minha musa. Ganhei um porta-lápis feito de sisal na forma de colmeia e quase o deixei cair no chão, de tão siderado com as unhas ovais e luas crescentes. Isabel me fazia úmido, quente e órfão. O jantar em família ganhou a magia das iguarias que ela trouxe na bagagem.

Seguiram-se refeições tensas, pela estranha combinação de desejo com paranoia. Meus pais não podiam notar a perturbação que a tia me causava e, principalmente, tinham que me tratar como adulto. Uma vez a mãe tentou colocar o dorso da mão na minha testa, para ver se estava febril, e a rejeitei com gesto brusco. Eu não era mais uma criança.

No cabideiro, Isabel pendurou a bolsa de couro vegetal que usava todo dia e as fitas para o cabelo; na cabeceira, um caderno e livros com fotos de insetos. No livro, podia ter fotografia. Para estudar, podia. Dela mesma, não podia. Fiquei tentado a tirar na moita ao menos um flagrante fora de foco, mas na máquina analógica exigia tempo. Com o nervosismo e sem equipamento digital, inventado bem depois, não tinha como capturar aninfa. Eu era capaz de decompor no desenho cada parte do corpo moreno e fiz uma série com a nudez dos pés rudes e bem cuidados, dedos pequenos e bem juntos, à exceção do mindinho, mais para fora, como se quisesse fazer cócegas no ar. De forma clandestina, rascunhei as poses num bloco e guardei na mochila para não me taxarem de podolatria. Com os pés sobrepostos, pés paralelos, pés em ponta. Diante de um esboço, um prazer provocou a minha primeira ejaculação e percebi o risco que corria. O olhar não inibia o desejo de tocar a sua intimidade. Me controlei e dirigi minha avidez para desenhos de objetos inanimados. Não podia colocar a perder a sua companhia.

Aos poucos, me inteirei do seu trabalho, uma paixão parecida com a que eu estava vivendo, quase um vício. Os pais entendiam do assunto, todos herdeiros de um saber ancestral que começava a interessar empresas e ONGs.

Onde nasceram, cada bebê era batizado com a promessa de aprender a criar abe-lhas. Na percepção de um garoto citadino, eram todas iguais e serviam

para fabricar mel. Isabel pesquisava a meliponicultura, criação de abelhas nativas sem ferrão, que ajuda o ecossistema e a produção agrícola. Para agradá-la e achando que seria irrealizável, pedi para criar abelhas no apartamento. Valia tentar. Aparentemente tínhamos as condições para fazer a experiência: varanda, andar baixo, sol indireto e sem corrente de vento.

A iniciativa causou atropelo e me fez sofrer ainda mais. Um tal de Artur, colega de estágio, veio avaliar a instalação e acendi o alerta. Ganhei um concorrente que despejava olhares safados na direção do meu amor. Já na segunda visita ao apartamento, abri a janelinha da porta de entrada, fingi que não o vi e fechei na cara dele: “Foi um trote”, inventei. Ele insistiu na campanha e não teve saída a não ser deixar o marmanjo entrar. Difícil era explicar a estranha cegueira momentânea. Inventei um cisco no olho.

A colmeia urbana é feita numa caixa de madeira e cada espécie tem um tipo de casinha. Decidiram que o ideal seria mesmo uma colmeia viva de meliponas. Elas madrugam e não podem ser perturbadas por luz artificial. Manifestei receio de mordidas, mas o safado reagiu com falsa condescendência e intenção de se exibir: “Esquece isso. A abelha é um ser social. Não usa coleira e não dá a pata, mas é ótima como animal de estimação”.

Até aquele dia, eu desconhecia que Isabel era uma abelha rainha que veio fazer estágio de sedução na minha casa. Eu era cobaia, sofrendo um ritual de iniciação. A fêmea poderosa não tem pena de ninguém. Por sorte, a relação dos dois não progrediu e todos concordaram em desistir do projeto. Ela entristeceu com a ruptura e se curou com artesanato. Me ensinou a fazer pulseira de miçanga para presentear e vender. A melhor ideia do mundo. Foi sucesso na escola e rolou uma paquera com uma colega de cabelos pretos cacheados. Não foi coincidência.

Fiz quatorze anos, perto do fim do estágio remunerado. Forcei a barra e pedi uma fotografia dela, a irmã do meu pai não ia deixar um retrato de recordação? Ela me calou com um bilhete aéreo, com o privilégio de poder ficar na janela, ao seu lado. Meus pais concordaram que eu passasse parte das férias

no Norte. “Vou te mostrar porque não gosto de fotografia”, desafiou.

Me aprontei para a viagem eufórico, tenso e cheio de espinhas na testa. Quando o avião planou sobre a paisagem, senti arrepio de harpa, zumbido de apito, uma corrente elétrica. Parecia o choque que tive ao vê-la pela primeira vez, cansada e linda, e também a emoção do beijo com a primeira namorada, durante o recreio, na escola, mas passava por outro canal. Era uma comunicação que atravessava milênios.

A caminho, ela pediu ao barqueiro para ficarmos um tempo parados no centro do rio. O sol esplêndido foi pousando devagar no horizonte laranja. Chorei. Ela me deixou chorar até a última gota de sal: “Me diz se dá pra colocar numa fotografia o cheiro deste sol deitado no rio. A revelação é pra viver direto, na veia, e de perto. Mesmo que machuque, como a picada de abelha se defendendo de um ataque. No papel, vira saudade doída que atrai o passado como um ímã pesado. O passado não pode ser lugar de visita, ele corre dentro da gente, liso e enrugado, claro e escuro, quieto e agitado, jovem e velho. Brota onde a gente não espera. Como vai acontecer no seu futuro daqui a pouco, quando receber o primeiro abraço dos seus avós”.

Nem a viagem inesquecível que fiz na adolescência me convenceu a devolver para Isabel o retrato 3x4 que acabei afanando na pasta onde guardava seus documentos, e ninguém me convence a mostrar o balé de pés que roubei, na minha despedida da infância. Já enterrei os avós, os pais e a tia e lhes devo respeito. Confesso que trocaria tudo para poder estar com eles bem aqui hoje, perto de mim. Mas não sei se confessaria os furtos. Seria trair a minha história e os meus silêncios.



**ADULTO**  
5º LUGAR

## **O ninho ancestral de taipa**

*Por Marcelo Santos da Silva*

### **Parte I**

Ela tinha olhos de horizontes rastejantes no arrebol da tarde. Por um instante se perdia naquela solidão, observando a estrada e esperando por quem nunca vinha. A casa de taipa era sua testemunha da longa espera por nada.

No alto de um morro, a casa mal rebocada, construída de barro cru, cipó e madeira se elevava sobre a caatinga. Resistente ao tempo com suas madeiras envelhecidas e as paredes rachadas de tanto existir. Cada cômodo tinha o cheiro de memória de alguém que morou ali. As histórias guardadas nas fotografias amareladas brincam com o cheiro de café vindo cozinha.

No terreiro a anciã conversa com suas criações: cabras, porcos, galinhas como se elas as entendessem. Na cozinha, metricamente arrumada, ela varre o tempo ao pé do fogão de lenha. Torra o café na velha panela de barro e o suor preenche os sulcos que o tempo lhe cravou nas faces enrugadas.

Nessas sete décadas, essa casa já viveu seus dias festivos e fúnebres. Tantas vozes na soalheira da tarde entre xícaras de café com tapioca e quantos silêncios cortantes nas madrugadas frias de agosto em vigília. A Saudade do primogênito que, há quase três décadas, se lançou ao mundo, depois de uma briga com a matriarca. Por onde anda? Será que está vivo? Virou garimpeiro como sonhava?

Doralice lembra quando aquela casinha foi construída. Foi na semana de

seu casamento. Ela tinha 15 anos e engravidara de Damião que tinha 30 anos e era agricultor. Depois que ela engravidou o pai ordenou a união matrimonial. Os irmãos, tios e cunhados se reuniram e, em menos de uma semana, o casebre estava de pé. Barro, colhido ali próximo, molhada com água do rio que passava a poucos metros. Cipó, vara de marmeleiro, caibros de pau-pereira e cumeeira de aroeira. O casamento simples, no final da missa na paróquia de São Pedro. Depois do casório, as famílias se reuniram para assentar o barro do chão da casa, entre xote e cachaça, os pés sujos de lama e mãos calejadas. E lá se vão setenta anos. Ela lembra bem.

Agora viúva. Os filhos crescidos voaram e fizeram seus próprios ninhos e laços. Com a anciã ficaram de companheiras as lembranças e a saudade de quem não vem. De quem nunca prometeu voltar.

*“Por onde andaré João?”* ela se pergunta diante da imagem de São Francisco de Canindé. Os olhos cansados e as mãos trêmulas nas contas gastas do rosário. Ela reza pelo primogênito e pelos outros 11 filhos vivos que moram por perto ou vem visitá-la nas férias. Ela reza pelos os 7 que não vingaram, não sobreviveram à desnutrição, à cólera ou sarampo. No quintal, as cruces de paud’árco ganham flores e vela nos dias de finados.

E na casa ali, no alto do morro. Testemunhando tudo.

Desde sempre. Desde o pó da primeira argila no sopro da manhã.

Nas férias de dezembro a casa fica cheia de gente, vindo de tantos lugares: Os filhos, os netos, os bisnetos, tataranetos. São os frutos da ‘árvore-mãe’ que precisam da seiva da raiz, cravada naquela casa. É preciso voltar lá sempre. É como renascer. Se reconhecer quem são nos abraços fraternos e nas histórias contadas no terreiro da casa.

\*\*\*\*\*

## Parte II

Não sei o que é dormir há quase 30 anos. Passo a noite em claros, ouvindo o cantar da mãe-da-lua no meu quintal, esperando o raiar do dia. Durante o dia, sobrevivo. Talvez eu esteja cansada de quase tudo. Minha casinha me olha com fome de abraço, me mostra suas esquinas e suas saudades, mas já não tenho coragem para varrer o quintal, limpar o quarto, trocar flores dos santos. Me falta algo, talvez.

— Vó, cadê você? — Ouço uma voz. É Ana Livia, minha neta. Ela tem quinze anos e sabe pouco da minha história. Mora na capital e vem me visitar uma vez por ano. Livia viera me convidar para novena à noite na casa de minha filha Nice.

Assenti que sim. Concordei. Descobrir que depois da novena terá uma festa de aniversário que seria 'surpresa' para mim. Sei que nessa festa estará toda família reunida. No entanto, o vazio permanecerá em mim, meu coração sentirá a falta de João, meu filho amado.

João saiu de casa numa tarde fria de dezembro, era dia 23. Lembro bem. Depois de uma briga. Eu e ele de cabeça quente falamos coisas que não se pode dizer, nunca. Palavras que, em nenhuma hipótese, deveriam ser ditas entre mãe e filho. Isso me dói no íntimo da alma e toda vez que olho o quadro com sua fotopintura na parede eu faço uma prece. Que São Francisco e Caboclinho-da-Mata proteja ele onde quer que esteja.

Ele se foi e não voltou mais e já são 29 anos, 11 meses e 29 dias que não o vejo e nem sei nada sobre ele, não sei sequer se está vivo; não sei se passa fome ou frio... Não sei.

Depois da novena voltei para casa. Ao chegar, soaram fogos ensurdecedores e um bolo apareceu de algum cômodo.

— Parabeeéns pra você! — a sala foi invadida por irmãos, filhos, filhas, netos, netas e bisnetos... Fui sufocada por tantos abraços.

Dentre tantos conhecidos e outros que não via há algum tempo, procurei

por João. Por um instante, pensei que o tivesse visto em tantos rostos familiares e mesmos cheiros, timbres de vozes parecidas. Queria ali, naquele instante, o abraço dele também.

— Cada vez mais nova, hein! — uma voz vinda de alguém que estava atrás de mim. Ao me virar reconheci o rosto alegre de Lucrecia. Comadre Lucrecia havia se mudado para capital. Fomos amigas desde crianças. Me ajudou em tanta coisa, desde o casório, construção da minha casinha até me acolher com as crianças quando Damião chegava bêbado em casa e queria quebrar tudo.

— Quanto tempo comadre! — disse sorrindo ao abraçá-la. Conversamos sobre o tempo e as saudades. Recordamos nossas andanças por aquele chão. Aquele pedaço da gente que pulsa fora: os detalhes da casa, as fotos e as pessoas. *“Este é filho daquele, aquela é filha dele...etc”* Tantas faces novas nessa geração que se ergue dessa velha geração que se vai.

Assim, aquele instante de festa foi aos poucos se esvaziando. Pessoas saindo. O sono e o cansaço chegaram e as vozes das pessoas foram diminuindo gradativamente, enquanto o barulho do silêncio noturno se fazia reinante.

Veza ou outra, os cães latiam com medo da caipora, talvez. Tento dormir, mas ouço uma voz vinda da estrada de terra. É sempre alguém me chamando de mãe e pedindo a bênção. É sempre João com seu jeitinho peculiar de andar. Aos sete anos ele caiu de um imbuzeiro e torceu o tornozelo direito. Tratei com jenipapo e aroeira, mas ficou mancando de leve.

Na mata, atrás do meu quintal, a mãe-da-lua canta. Este pássaro tem o dom de traduzir minha solidão e minha dor em seu cantar gótico e melancólico. Ave de hábitos noturno, talvez eu a tenha visto uma ou duas vezes em toda minha vida, mas seu canto é meu fiel companheiro nas madrugadas insones. Eu, ela e minha casinha neste frio das noites sem nome.

\*\*\*\*\*

### Parte III

Aquela casinha de reboco e cheia de cômodos pequenos é um lugar mágico, é onde, literalmente dona Doralice reina. Ela é uma referência para todos nós. E é este misto de mulher e mistério que a torna tão querida por nós, seus netos e netas. Quando venho nas férias de dezembro fico horas a fio conversando com ela. Sei que existem segredos e algumas temáticas que é melhor não abordar, como por exemplo o sumiço do meu tio João, cuja fotopintura na parede é um misto de sagrado e assustador. A cada visita eu vou sabendo mais sobre aquele homem que mora na parede de reboco da casa de minha vó.

Ano passado fiz uma entrevista com minha vó sobre as rezas e crendices do sertão: Foi numa tarde nublada e mágica, ela vestiu suas roupas e apetrechos de rezadeira. Eu gravei tudo. De cachimbo aceso e acomodada no centro de uma roda de pessoas, sentada em sua cadeira feita de pau-d'arco, ela rezou para quebranto em mim, mas não me deixou captar o áudio:

“É segredo passado de geração em geração e não pode ser jogado ao vento como folhas de cajueiro” disse ela naquela ocasião “São segredos cochichados ao pé do ouvido”.

Aquele encontro foi incrível. Serviu para aprender mais sobre minha vó, nossa cultura e o terreiro sagrado desta nossa casinha singela.

Mas hoje será diferente. Ao invés de uma entrevista simplesmente, consegui convencer minha vó, tios e primos a montar uma apresentação do bumba-meu-boi “Estrelinha da Madrugada” que foi criado por meu avô Damião e desde seu falecimento nunca mais ninguém brincou de boi neste terreiro. Foi uma longa conversa até convencer a família para a apresentação de hoje, pois mexe com o passado e sentimentos. Mas deu certo.

Pontualmente às 18h o som do tambor de onça, instrumento que imita o mugido dos bois, começou a ecoar no terreiro de terra batida da casa de vó.

A apresentação do “Boi Estrelinha da Madrugada”, é uma mistura de dança, música e teatro em torno da história de Pai Francisco e Mãe Catirina. Ajustei as câmeras e áudio. Play.

Soou a toada: *“Urrou meu boi, terra fria estremeceu. Te levanta boi de fama, tu caiu, mas não morreu...”*

A apresentação se iniciava. O boi dançante ao som das matracas surge, emergindo da escuridão. Sob aplausos e vivas extasiadas dos presentes, tio Vicente puxou a toada e o restante do grupo acompanhou: *“Oh senhora dona da casa, ponha azeite na candeia, que a barra do meu boi é branca e não pode encostar na areia... Chegou! Chegou! Chegou. Chegou, torna a chegar. Se quiser que eu brinque, eu brinco. Se não quiser, eu volto já”*

A noite imponente reinava lá fora ao som do canto da mãe-da-lua Foi uma noite incrível. Amanhã será véspera de Natal.

\*\*\*\*\*

## **Parte IV**

Naquela véspera de Natal, o céu se abriu em estrelas como quem benze o sertão inteiro. A casa, acesa em vozes e cheiros, parecia respirar outra vez. As crianças corriam no terreiro, e Doralice sorria com a calma de quem já viu o mundo todo passar pela janela da cozinha.

Foi quando, ao longe, uma poeira fina começou a subir da estrada. Os galo se agitaram. Um silêncio estranho pairou sobre a algazarra do quintal. Todos voltaram os olhos para o caminho. Doralice forçou a vista pondo as mãos na frente. As pernas não obedeceram, mas o coração correu primeiro.

— Mãe?

Aquela voz, rouca e envelhecida, atravessou o tempo como faca peixeira cortando o silêncio.

João vinha magro, encurvado, os olhos do mesmo barro do chão. Um chapéu de couro encardido na cabeça, e o mesmo jeito de menino nos ombros e pernas gastos. Carregava uma sacola de lona desbotada, e na mão esquerda uma pequena imagem de São Francisco, quebrada na base — a mesma que levava no bolso ao deixar a casa, vinte e seis anos antes.

Doralice levou a mão à boca e chorou, já tinha lágrimas, mas chorou. Chorou como se tivesse dezessete anos de novo, lavando o primeiro enxoval na beira do rio. E João se ajoelhou diante dela, não por vergonha, mas por gratidão. Beijou-lhe os pés como quem volta ao ventre.

— Demorei, mãe. Mas voltei.

Ela não disse nada. Nem ele. Só o silêncio entre os dois era suficiente. O abraço veio denso, demorado. Os outros filhos se aproximaram devagar, alguns com os olhos marejados, os netos calados como se entendessem a importância do instante. João, o filho perdido, era agora um homem remendado pelo tempo. Trazia calos de garimpo, saudades de cartas nunca escritas e um arrependimento que o acompanhava como sombra.

— Eu temia em pensar que a senhora pudesse não está mais viva — segredou ele.

Sentaram-se todos à mesa, depois. João contou pedaços da sua vida entre Minas, Goiás e Pará. Mostrou fotos de filhos que teve e não criou, de um barraco que chamava de casa, de uma mulher que morreu de febre, há seis anos. Disse que sonhava com a mãe toda semana, sempre sentada na porta da casa de taipa, segurando um bule de café com macaxeira, a sua espera.

— Eu achava que era só sonho. Agora sei que era uma chamada.

Doralice sorriu. E, pela primeira vez em muitos anos, dormiu sem rezar pelo filho ausente. Rezou pelos outros, deveras. Rezou para todos os Santos e Encantados da Mata. Rezou para Deus, Pai e Espírito Santo, Amém!

Naquela noite, a casa ancestral de taipa dormiu em paz. Finalmente, todos os seus estavam sob o mesmo teto, agasalhados no mesmo ninho. A argila viva da memória se acomodava em silêncio e a casa, agora cheia de vozes e abra-

ços, respirava inteira. E São Francisco, lá no altar de parede, parecia sorrir também. Amanhã é Natal.

# PRATA DA CASA

**Gênero:** Crônica

**Tema:** Qual é a sua história com o patrimônio histórico e cultural da sua cidade?

*Memória afetiva e identidade: minha história com os lugares que guardam Jundiaí, em um mergulho nos saberes, nas raízes e na cultura regionais como patrimônio material e imaterial.*





**PRATA DA CASA**  
1º LUGAR

## Onde o trem começa

*Por Mariana De Marchi Oliveira*

O vento que vem pelos trilhos anuncia o mesmo que o alto-falante. O trem para. Algumas pessoas me empurram, eu empurro tantas outras. Nos acomodamos, bem ou mal. O apito soa. Partimos. O prédio bonito da estação da Luz vai ficando pra trás. O ritmo de trabalhar em São Paulo é pesado e cansativo. A cidade é famosa pelas oportunidades, mas nunca foi conhecida por tratar bem aqueles que se aproximam. Ela é opressora, pesa, cansa, pisa e machuca. Mas paga bem e, no fim, é isso que nos traz pra cá. No trem, somos todos meio iguais: apenas mais um passageiro nesse entra-e-sai contínuo e inevitável.

Muita gente desce em Morato e eu finalmente consigo sentar. O trecho longo até Botujuru vem com alívio não só pros pés, mas pra cabeça. Por mais que soe clichê, olhar as paisagens passando pela janela coloca a gente pra pensar. Tantas coisas do meu dia me irritaram hoje que eu realmente tenho dificuldade em melhorar meu humor. Pudera, esse jeitão meio emburrado é coisa de família aqui em casa. Minha avó sempre foi um amor, mas meu avô era o rei da cara amarrada. Pra ele, a pedrinha no sapato não era só uma pedrinha no sapato, mas um gatilho pra chateação e reclamações que poderiam durar uma tarde inteira. Ele era cheio de manias e dizia que gostava das coisas feitas do jeito “certo”, o que geralmente era um eufemismo pra dizer que queria

as coisas do jeito dele. Detalhista, se incomodava com os menores defeitos nas coisas aparentemente mais irrelevantes.

E a verdade é que nós somos iguaizinhos nesse sentido.

No meio do balanço dos trilhos entre Campo Limpo e Várzea, é impossível não pensar o quanto o trabalho dele aqui se incorporou à sua personalidade. Pra funcionar bem, a ferrovia tem que ser organizada, cronometrada, precisa, ajustada nos mínimos detalhes como só algumas pessoas sabem fazer. É um trabalho pra gente cuidadosa, atenta e talvez um pouco chata. É claro que eu não sei exatamente como era sua rotina de trabalho a 50 anos atrás, mas conheci muito de perto o cuidado e perfeccionismo que ele sempre colocou nas peças que produzia. Algumas estão com a gente, funcionando bem décadas depois, mas não temos como saber quantas outras ainda estão espalhadas por aí. Sempre que passo pelas estações e prédios, não consigo desviar o olhar dos armários, bancos e mesas, procurando meio inconscientemente algo em comum com as coisas que sempre vi em casa. Eu olho as quinas bem-acabadas, o torneamento cuidadoso, as linhas perfeitamente paralelas e o vejo em tudo aquilo. Ver a madeira envernizada, pronta e brilhante era algo que o deixava muito feliz e sempre conseguia colocar um sorriso no seu rosto fechado. Não tenho como saber se, de fato, foi ele quem cuidou de cada um dos móveis com que cruzo, mas é impossível ignorar a sensação de reconhecimento. Às vezes, o coração pensa mais certo do que a racionalidade.

Cheguei.

Meus amigos paulistanos geralmente falam que Jundiaí é onde termina o trem, mas eu sempre digo que aqui é onde ele começa e eu sei que a história está do meu lado nessa disputa. Como sempre, não consigo evitar um sorriso quando desço. Às vezes mais aberto, às vezes mais discreto, ele é sempre presente quando desembarco na nossa estação.

Não é só por já ter me desligado do ritmo de São Paulo, mas porque a sensação de lar chega antes mesmo de estar em casa. Não poderia ser diferente, porque foi aqui que meu avô viveu tantas histórias com seus colegas,

lixou tanta madeira e fez o curso de desenho do qual tanto se orgulhava. Foi daqui que ele partiu para tantas viagens com minha mãe e minha avó, criando memórias e afetos com o pouco que tinham. Foi por causa das reuniões daquele sindicato que ele teve que passar noites fora de casa, se escondendo nos idos dos anos 70. Foi aqui que ele se fez e foi aqui que uma parte da história da minha família foi moldada. E foi por causa desse lugar que eu me fiz como sou hoje.

Por mais que ele não esteja mais aqui, sinto que compartilhamos essa estação todos os dias. A nossa estação: minha, dele, da minha avó, da minha mãe. Nossa ideia de herança e ancestralidade permeia esse lugar barulhento, por onde passam tantas pessoas todos os dias. Talvez ninguém mais perceba, mas em cada puxador e dobradiça eu consigo sentir o carinho que ele tinha por esse lugar. Suas memórias estão ali e, agora, as minhas também. O sangue da minha família corre nos trilhos da ferrovia e meu coração pulsa junto.



**PRATA DA CASA**  
2º LUGAR

## Onde dormem as palavras

*Por Renata Corte*

E então veio o fim. Discreto, como os que mais doem. Mas todo fim carrega, escondido, os começos que o antecederam – e este teve dois: um que pertence à história, outro que mora na minha memória.

Quando criança, costumava “ir na cidade” nas manhãs de sábado - expressão que, para quem cresceu nos bairros de Jundiaí, significava caminhar pela região central; um verdadeiro acontecimento. E entre as vitrines das ruas Barão de Jundiaí e Rosário, a movimentação colorida das pessoas e a imponência da Catedral, havia um prédio que sempre me chamava atenção pelas janelas grandes, fachada austera e nome importante: Gabinete de Leitura Ruy Barbosa.

Quando criança eu só olhava de longe, como quem respeita um templo. Mas, já admiradora dos livros, sabia que ali era um lugar de letras e, por isso, um lugar pra ser admirado.

Um pouco mais tarde me associei ao Gabinete, pagando as mensalidades, com meus primeiros salários, em um carnê de papel. Foi ali que entendi que os livros também têm cheiro, que silêncio pode ser confortável e que cultura não é só saber muito, mas sentir pertencimento; é também um tipo de casa.

Entre prateleiras altas, um piano imponente e mesas de madeira antiga, minha memória afetiva ganhou raízes. Eu, menina tímida, descobri que podia ler em voz baixa para mim mesma. E que isso era suficiente para abris mundos.

Foi ali, sob a luz coada pelas janelas grandes, que conheci a beleza de ouvir o tempo passar devagar. A beleza de abrir um livro e ser conduzida para longe, ainda que sem sair do lugar.

Esse foi o começo para mim.

Fechando os olhos dava pra imaginar aquele começo na história, no dia 28 de abril de 1908, quando Conrado Augusto Offa, João Xavier Dias da Costa, Benedito de Godoy Ferraz, Artur Basílio de Oliveira, Carlos Hummel Guimarães, Manoel Martins de Azevedo e outros 62 funcionários da orgulhosa Companhia Paulista de Estradas de Ferro fundavam o Gabinete de Leitura de Jundiaí. No seu início, o Gabinete contava com uma biblioteca de 104 títulos, assinava três jornais da região e dois jornais locais.

Adulta, voltei ao Gabinete em outra condição: fui diretora da instituição por um período, no qual tentávamos, com esforço e paixão, salvá-lo da asfixia financeira que já ameaçava seu futuro. Trabalhamos muito - organizando eventos, buscando parcerias. Sabíamos do valor daquele lugar, não apenas como espaço físico, mas como símbolo. Resistir era uma forma de manter viva a memória coletiva de Jundiaí. E ainda que não tenhamos conseguido evitar o fechamento, sei que cada gesto, cada tentativa, foi movida por amor e responsabilidade com a história.

Hoje, passo em frente ao mesmo prédio e sinto um vazio como quem perdeu um velho amigo. Em dezembro de 2023, depois de 115 anos de história, o Gabinete de Leitura fechou as portas. Por falta de leitores, de sócios, de incentivo, de interesse.

Um silêncio pesado tomou conta da esquina.

As estantes ficaram mudas. O piano, esquecido, desafina no escuro. E o retrato de Ruy Barbosa, que sempre olhava o mundo com solenidade, parecia, naquele dia, pedir desculpas por não conseguido fazer mais.

Não houve discursos. Apenas uma ausência funda, quase palpável.

É estranho pensar que uma cidade como Jundiaí, que viu nascer tanta coisa - trilhos, vinhedos, teatros, escolas - tenha deixado morrer um de seus

espaços mais preciosos. Um lugar que nasceu no início do século 20 pelas mãos de ferroviários e visionários, quando os imigrantes ainda estavam aprendendo a misturar o italiano com o português e o trem era símbolo de progresso. Um lugar que não foi apenas biblioteca, mas sala de estar da cultura local, ponto de encontro de ideias, de sonhos e de tardes chuvosas.

Hoje é triste ver o prédio do Gabinete, sua pintura descascando, suas portas trancadas, suas goteiras internas quando chove, como um choro engolido.

O que se perde quando se fecha um espaço assim? Perde-se mais do que livros. Perde-se o que não se pode medir: a intimidade com o passado, a continuidade do pertencimento, o orgulho de ter um canto que guarda quem fomos.

Quantos jovens estudaram ali para o vestibular? Quanta gente descobriu novos autores, novas ideias, novos amigos? Quantas crianças descobriram o gosto pela leitura naquele mesmo canto onde eu, um dia, descobri que o mundo era maior do que a minha rua?

O Gabinete não era só um acervo de 55 mil livros - era um acervo de memórias.

Na fachada, o nome ainda resiste, desbotado. Mas nome não é suficiente. É preciso ação, lembrança viva, vontade de fazer durar.

Depois do silêncio das palavras, um sussurro: a Prefeitura de Jundiaí iniciou o processo de assumir o imóvel, com o intuito de transformá-lo em um centro cultural. A travessia ainda é jurídica, delicada. Mas há esperança.

Talvez eu ainda volte a sentar naquelas poltronas. Talvez outras mãos abram aquelas janelas que hoje respiram poeira. Talvez o piano toque de novo. Talvez o Gabinete reencontre sua vocação.

Afinal, patrimônio não é só pedra sobre pedra. É identidade, é afeto, é memória. É preciso olhar para aquele prédio não como um fardo, mas como uma herança.

O Gabinete de Leitura Ruy Barbosa é a casa onde as palavras dormem, sim.  
Mas é também onde, um dia, podem voltar a despertar.



**PRATA DA CASA**  
3º LUGAR

## Quinta-feira

*Por Catendê Sarti*

Abro os olhos, é de manhã. O motivo de ter acordado foi meu despertador peculiar, que nunca programo para tocar, mas ele se lembra do horário certo toda vez. Vêm se roçando e me fazendo cócegas com seu bigode em meu rosto, amassando meu peito com o peso de chumbo de suas patas carnudas, e com certeza eu quero dormir mais, mas ele não se importa. Deve ser oito horas. Tenho que alimentá-lo, junto de seus irmãos, que esperam pacientemente deitados, uma ao pé da cama e o outro na cadeira de minha mesa, que fica ao lado de onde descanso. Arrasto minhas pernas para fora da cama, me levanto preguiçoso, confirmo o horário, são oito e doze. ‘Sempre pontual, carinha.’ Vou até a cozinha meio desorientado, pego o saco de ração, despejo em três potes, cada um em um canto, para que não briguem. Dou-lhes carinho.

Preciso de cafeína e tabaco. Coloco a água para ferver, pego o filtro e o pó, coloco nos aparatos, todos preciosos para me preparar para realmente acordar. Enquanto espero ferver, vou procurar o meu tabaco que deixei pela metade no cinzeiro na noite anterior, dentro do meu pequeno ateliê, no fundo do meu quintal. Deve ter algo em torno de dois metros quadrados, ou menos, mas é temporariamente suficiente para pintar minhas telas. Checo com a ponta do dedo médio se ainda está úmida a tinta da última obra que fiz. Úmida. Terei que

esperar mais alguns dias. Ouço o borbulhar de onde estou, descalço atravesso o chão áspero até a cozinha. Desligo o fogão, derramo a água no coador, e o cheiro adocicado com tons torrados e levemente defumados se espalham pelo espaço que habito. Respiro profundamente. Me sinto mais animado para viver o dia. Ascendo o fumo que deveria parar imediatamente, mas com certeza não vai ser hoje, dou um gole com gosto e a cafeína se espalha por meu corpo, de uma forma que estou pronto para emitir a minha primeira voz que até então estava acuada.

Me lembro que hoje é quinta, têm feira aqui perto. Talvez seja melhor me vestir para sair de casa e já aproveito para fazer algumas coisas pela rua. Vou até meu quarto, a pequena ainda dorme no pé da cama. Procuro meu caderninho o qual rabisco algumas poesias, perdido entre livros sobre uma cadeira recostada na parede, coloco-o dentro da mochila, que já traz consigo uma garrafa d'água e uma caneta. Ponho meus chinelos, que já não me servem e estão muito bem gastos, um casaco surrado e meus fones que comprei há pouco e já me acompanham por todos os lugares que vou. Escolho uma música para tocar enquanto atravesso a casa, Cotidiano de Chico Buarque, cai bem agora. Abro a porta da sala, os gatos querem sair para o jardim, mais tarde levo vocês, prometo. Tranco a casa, vou até o jardim e entre as plantas escondo minha bicicleta, minha locomoção mais assídua, saio pelo portão e com duas pedaladas já estou na Samuel Martins.

Avisto as barraquinhas coloridas e listradas com o murmúrio de senhores e senhoras negociando preços de legumes, as risadas e os vendedores ecoando os preços tomam o ambiente. Desço do camelo, posiciono ao meu lado direito e vou empurrando enquanto caminho, procurando o que preciso para fazer o almoço. Chegando perto da barraca da família Peixoto, a Dona Célia abre um sorriso no rosto já esboçando as palavras enquanto me aproximo, subo uma das orelhas do fone para ouvi-la. "Bom dia, meu querido, vai a ponkan di sempre? Fresquinha viu, tiramo na manhã di ontem dum pé." Parece suculenta, mas tenho o dinheiro contado para o que vou cozinhar. Se pudesse sairia com o

pomar inteiro para a semana, eles sabem disso. Remexo os bolsos para procurar pelas moedas que trago comigo. Três, não, quatro moedas de um real, uma de cinquenta centavos e duas notas de dois. ‘Vai ser uma cebola e uma bacia de legumes, tem couve também?’ Eles sempre me tratam muito bem e não ligam que sou demasiado estranho e fora do padrão dos clientes de costume que aparecem por ali. Além de ser muito quieto e só articular diretamente o que preciso, por mais que de vez em quando, consiga jogar uma conversa fora rapidamente.

Saio dali com o que pedi e mais duas mexericas, que o filho da Célia me deu para experimentar a nova safra, e o troco de cinquenta centavos. Ligeiramente guardo tudo em minha mochila, subo nos pedais e desço a rua em direção ao Complexo Argos, para ir à biblioteca Nelson Foot. Preciso ver se tem um livro que quero ler. Estou acostumado a pedalar entre os carros, faço tudo com destreza e uma certa imprudência eu diria, com a velocidade de um automóvel, costurando entre o trânsito. Quando finalmente a ladeira se vê livre, solto os freios e curvo meu tronco em direção ao guidom para pegar aceleração. Me sinto leve, com o sol e o vento batendo em meu rosto, quando vê, já estou entrando pelos portões do Complexo. Faço o movimento da cabeça para saudar o porteiro, paro em frente ao poste no estacionamento, prendo minha bike e sigo para entrar no prédio.

Antes, eu era calorosamente recebido pela simpatia e abraço da sra. Tânia, a última vez que conversamos ela me disse que iria tirar a aposentadoria e viajar o que fosse possível. Nos encontramos coincidentemente em alguns lugares por aí, mas não hoje. Entro em silêncio, faço o mesmo movimento para cumprimentar as novas bibliotecárias, que ainda não sei o nome, mas sou tímido para perguntá-los, e vou direto para as estantes do fundo do prédio. Vasculho pacientemente a sessão de literatura brasileira, de um lado e do outro. Bato os olhos passando pelos autores. C... Caio... Caio Fernando Abreu. M... Dou leves entortadas nos livros para ver as capas com os títulos, será que pegaram? Poderia facilmente ver na consulta de livros disponíveis, mas eu gos-

to de fazer as coisas à minha maneira. Continuo a busca, mais algumas entortadas, e Morangos Mofados! Coloco embaixo do braço e dou mais umas olhadelas para ver se pego mais algum, mas vim para esse, que me disseram que eu iria gostar da leitura. São nove e cinquenta, ainda vou passar na Ponte Torta, onde gosto de esboçar poesias e voltar para casa para fazer comida, o dia só está começando e tenho tanto a fazer...



**PRATA DA CASA**  
4º LUGAR

## Língua materna

*Por André de Freitas Barbosa*

Houve um tempo em que a cidade falava. Em dialeto muito próprio, as ruas emitiam sons perfeitamente claros – e exalavam cheiros bem distintos. Antes de ser cidade, Jundiáí foi toque de sino, rangido de carroça, gosto de pão e café. Ainda se ouve em toda parte: italiano nas feiras, português nos colégios, caipira nas praças. Jundiáí canta nas rodas de viola que sobrevivem nos quintais. A fala da cidade ecoa nas missas, em reza miúda, no batuque de um bloco que resiste. Na língua da cidade, patrimônio é mais que documento: é voz e memória. É o que se diz sem falar e se entende até mesmo sem palavras.

Houve um tempo em que a cidade falava... E falavam também o metal e a madeira nobre. O Solar do Barão, por exemplo, guarda segredos nas paredes de taipa, como quem já ouviu muito e permanece à escuta (dizem que o Barão não mora mais lá, mas eu duvido: ele reside nos livros. Na fachada simétrica. Na lembrança do verniz.). O Solar poderia ser até hoje a casa de alguém muito ilustre: um lar elegante, com jardins singulares e assoalho antigo, feito cenário de novela. Todo o barulho do Centro se esvai quando cruzamos a entrada e habitamos, de repente, uma arquitetura que supera a opulência e se dilata no silêncio entre uma janela e outra.

Houve um tempo em que a cidade falava, não só com a polidez de antigos senhores, mas pela cor do tijolo queimado. Muito além de rotas previsíveis, a Ponte Torta me lembra que não há linha reta no afeto. Seu porte renega a lógi-

ca das formas comuns e sugere a sutileza própria dos desvios. Homem feito, entendo que o amor, como a Ponte, também cultiva suas arestas e cicatrizes. Contra a lógica da geometria, a Ponte Torta conduz à beleza inusitada que há nas dobras da memória: de um lado, o presente e seus deveres; de outro, um passado em festa, com o cheiro de uva tomando as avenidas e os sinos da Catedral lembrando que a rotina, às vezes, é tocada pela eternidade.

Houve um tempo em que a cidade falava, e o som das ruas era febril como os trilhos que rompem o tempo nos marcos da cidade, como o Complexo Fepasa e seus galpões que me contam memórias operárias. Cada ferragem remanescente me lembra que o ato de preservar é tão necessário quanto o de erguer a própria casa. E, mesmo além dos muros desta casa, todo lugar público acolhe um afeto intacto: aquele banco da Praça Rui Barbosa guarda o amor cortês de um casal antigo; o muro do Grupo Escolar ecoa o grito contido do aluno que queria ser poeta e escreveu uns versos de que ninguém se lembra, mas que as folhas, ao vento, ainda espalham.

Houve um tempo em que a cidade falava – mais que falar, cantava como crianças em roda, como irmãos pequenos que inventam uma língua nova, num rito íntimo. A Festa da Uva nunca foi simples diversão, mas ritual. Lá não se prova somente do fruto, mas do vinho de um altar doméstico, servido em balcões pintados de esperança. Seja em português caipira ou na fluência italiana dos antigos, o vinho continua a falar nas manhãs do Mercado, entre o manjeriço e a conversa animada – o vinho fala nos trilhos da Ponte São João e no passo ligeiro da Rua do Rosário; fala pelas ladeiras do Anhangabaú e pelo sino da Colônia; fala a cada vez cada vez que o Polytheama acende as luzes e a plateia silencia. E entre uma esquina e outra, entre uma taça e uma história, a cidade ensina sua gramática de ferro e vegetal, um dialeto de palavras fortes, que é o maior patrimônio que temos por herança.

Houve um tempo em que a cidade falava, e falava alto, ruidosamente, ao redor de uma mesa sem limites. Jundiaí me conta sua vida em ingredientes frescos, sem a exatidão de gramas e litros. Antes de mapas e livros de cartório, a cidade se registra num guardanapo bordado e numa receita sem medidas: uma história imigrante de cheiro, tato

e paladar. Porque foi também na cozinha que o tempo se assentou por aqui (as panelas conheciam mais da vida do que muita gente ilustrada). As avós sabiam o ponto certo da massa pelo ar que subia e mediam o amor pelo número de pratos na mesa.

Houve um tempo em que a cidade falava, ou melhor: anunciava seu nome em língua de planta e minério, entre as ladeiras urbanas e a mata ancestral. Talvez seja isto o que chamam de raiz: não o que se mostra às claras, mas o que sustenta. É ter a Serra do Japi como bússola, abraçando a cidade pelas bordas, acima do asfalto e dos semáforos. E se a língua de Jundiáí nomeia as águas e terras onde vivo, é aqui que sou gente e árvore. Com os braços e folhas no presente, e as raízes bem fundas no sempre.



**PRATA DA CASA**  
5º LUGAR

## Vá ver o cajueiro

*Por Giovanna Cunha Cardoso*

O café na rua primeiro de maio, na Vila Municipal, tinha horário para ficar pronto. Às seis e às quinze. O cheiro de café fazia parte da rotina. Segunda ninguém trabalhava, porque era dia de resolver pendência. Banco, médico, lotérica, o que faltou do mercado. De terça até sábado, trabalho. Café às seis. Almoço ao meio dia. Café às quinze.

Domingo era dia de feira. A melhor de todas: a da Vila Arens. Carrinhos, pastel, caldo de cana. Café moído na hora. Alface. Jiló. Acelga. A barraca mais bonita era de frutas, cheia de verde, amarelo, laranja, vermelho, roxo. Dificilmente a rotina mudava, até que um dia eu vi aquela fruta bonita, alaranjada, com tons de vermelho, amarelo e marrom. Que isso vó? É Caju! É lá da nossa terra. Da nossa cor.

Minha avó está há bons trinta anos em Jundiáí, mas ela não nega que veio de lá de cima do mapa e que cada canto da cidade esconde uma beleza em cada família nordestina. Então, no meio da caracterização dessa cidade, existe uma grande sinfonia cultural. Gente que veio de lá, de cá e parou aqui. Sou jundiáense, mas não me encanto tanto com uvas (apesar de saber que as nossas são as melhores). Eu gosto mesmo é de Caju. Olhar para ele me remete às histórias da minha avó. Aí abrimos a fruta como se abre um livro de contos. Conversamos sobre as histórias de Pernambuco. Eu gostei do Caju.

Minha avó e meu pai me contavam tantas histórias da “nossa terrinha”, que eu me perguntava como podia eu me sentir tão parte de algo que nunca tinha visto. E foi com esse sentimento que eu cresci, me sentindo uma filha raiz de Jundiáí e, outrora, filha do Brasil e de meus ancestrais. Mas onde é que eles estão? Eu queria vê-los. Me conectei com movimentos culturais e os caminhos se abriram para mim quando encontrei um lugar para fazer capoeira, perto de casa. Meu pai dizia que jogava a capoeira de rua em Jundiáí. Ele também não é daqui, mas veio pra cá na adolescência e contou o que as ruas viviam. Rodas, mestres, grupos. Eu sempre achei interessante, mas não tinha ideia de como seria. Era difícil achar, não conhecia ninguém desse meio. Cadê aquele movimento da rua? Quem calou tantas vozes? Visitei uma primeira roda, decorei uma música “manda leco cajueiro, manda loiá”. Uma música sobre minha fruta favorita. Me senti em casa. Mundos vivos que eu não conhecia resistentes da minha cidade.

“Em cada som, em cada toque, em cada ginga”, eu me conectava com quem tanto procurei a vida inteira. Meus ancestrais. Senhores da terra tão amada da minha avó, da nossa outra casa. Conheci uma cidade com bambus, pedras e cabaças bem debaixo dos meus olhos. Pessoas que se movimentam do Tulipas, Vila Arens, Retiro até a Ponte São João. Pessoas que falam a língua da minha avó e da minha casa. Compreendi que além das videiras, existem Cajueiros pela cidade.

Ao chegar na roda, o som do atabaque me chamou pelo nome. Não foi o berimbau de cara, foi o barulho do batuque forte e grave de mãos calejadas. Mãos pretas de trabalho. Pés descalços. Corpos livres. Canções. Charanga. Uma nova Jundiáí e um sentimento: agora estou em casa!

Minha ancestralidade falou tão alto comigo que eu precisava ir atrás do que ela me pedia. O encontro. Pertença a uma história que já viveu nessas ruas e não somente a um lugar. Outras vozes ecoam e resistem entre as extensões. Os sotaques das “tias” da escola, as peles mistas, os caju nas feiras; tudo aponta para o povo que resiste em meio ao apagão cultural. Tudo

isso me aponta para o Cajueiro. E agora, eu subo lá no alto dele e observo daqui a vida acontecendo e, aos poucos, os toques da charanga voltando a performar nas ruas, representando um povo que também abriu caminhos nesta terra tupi.